



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**JOSÉ LUIZ DE SOUSA BARBOZA**

**GEOGRAFIA DA VIOLÊNCIA URBANA: TERRITÓRIOS VULNERÁVEIS A  
HOMICÍDIOS NA CIDADE DE SOUSA-PB ENTRE OS ANOS DE 2014 A 2016.**

**CAJAZEIRAS-PB**

**2018**

**JOSÉ LUIZ DE SOUSA BARBOZA**

**GEOGRAFIA DA VIOLÊNCIA URBANA: TERRITÓRIOS VULNERÁVEIS A  
HOMICÍDIOS NA CIDADE DE SOUSA-PB ENTRE OS ANOS DE 2014 A 2016**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG no Centro de Formação de Professores – CFP campus de Cajazeiras como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

**Orientador:** Professor Dr. Santiago Andrade Vasconcelos

**CAJAZEIRAS-PB**

**2018**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

B239g Barboza, José Luiz de Souza.

Geografia da violência urbana: territórios vulneráveis a homicídios na cidade de Souza-PB entre os anos de 2014 a 2016 / José Luiz de Souza Barboza. - Cajazeiras, 2018.

76f.: il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Santiago Andrade Vasconcelos.

Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2018.

JOSÉ LUIZ DE SOUSA BARBOZA

GEOGRAFIA DA VIOLÊNCIA URBANA: TERRITÓRIOS VULNERÁVEIS A  
HOMICÍDIOS NA CIDADE DE SOUSA-PB ENTRE OS ANOS DE 2014 A 2016

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Licenciatura em Geografia pela  
Universidade Federal de Campina Grande –  
UFCG no Centro de Formação de Professores –  
CFP campus de Cajazeiras como requisito  
parcial para obtenção do título de Licenciado  
em Geografia.

Cajazeiras, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Santiago Andrade Vasconcelos - Orientador  
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
Unidade Acadêmica de Geografia

---

Profa. Dra. Luciana Medeiros de Araújo - Examinadora  
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
Unidade Acadêmica de Geografia

---

Prof. Dr. Marcelo Henrique de Melo Brandão - Examinador  
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
Unidade Acadêmica de Geografia

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

A Deus, eu agradeço por ter me iluminado, assim como a sabedoria de ter conseguido concluir esse trabalho (TCC), por sinal muito difícil. Apesar de todas as dificuldades e contratempos sempre tive fé suficiente para acreditar que seria possível realizá-lo. Meus pais, Elioneide de Sousa Barboza; e João Batista Barboza, eu agradeço pela educação que tive, importantíssima para minha formação como pessoa. Meu irmão, João Paulo de Sousa Barboza, que nesse processo me incentivou a “deixar o trabalho (TCC) de lado e curtir a vida”, a ele, também agradeço; pensarei nisso ao término da graduação. A Gilberlândia Dias Alves agradeço pelo amor e carinho com o qual cuidou de nosso filho; Pedro Luiz Alves Barboza, apesar de não saber, sempre foi uma de minhas grandes fontes de inspiração.

É com muito carinho que irei lembrar de todos os professores que fazem; e fizeram parte da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG / Centro de Formação de Professores – CFP. Ao meu Orientador, o Professor Santiago Andrade Vasconcelos; profissional abnegado com o ofício, agradeço pelos conhecimentos repassados e pela paciência com qual sempre demonstrou desde o início desse trabalho (TCC). Posso dizer que hoje, o tenho como um amigo.

Tenho muito para agradecer, então, tentarei aqui registrar ao máximo alguns desses excelentes profissionais que se fizeram importantes na minha formação acadêmica. Em especial a Professora Alexandra Rocha, que contribuiu significativamente nas aulas de Geoprocessamento, essenciais para construção dos mapas e resultados da pesquisa. Ao Professor Francisco Augusto (In memoriam), que a frente da coordenação de Geografia do CFP no ano de 2013 não mediu esforços para me reintegrar ao curso, depois de tê-lo trancado por algum tempo por motivos pessoais e profissionais.

Meus agradecimentos aos Professores(as): Luciana Medeiros, Iveralda Dantas, Cícera Cecília, Jackeline Lustosa, Maria Luíza, Marcelo Brandão, Josué Pereira, Marcos Assis, Rodrigo Pessoa, Josenilton Patrício, Aldo Gonçalves, Josias Galvão, Henaldo Gomes e Luiz Carlos. Todos tiveram um peso fundamental em minha graduação, posso aqui externar nesses agradecimentos que fui um privilegiado por ter tido a oportunidade de ter aulas com pessoas altamente capacitados e valorosas.

Meus agradecimentos aos Agentes de Polícia Civil, Carlison, Bergson e João Paulo, integrantes da 19ª Delegacia Seccional de Polícia Civil. Núcleo de Homicídios e Entorpecentes. Secretária de Segurança Pública SSP/PB, sediada na cidade de Sousa-PB.

Aos meus colegas de sala, amigos que a vida me presenteou, agradeço e dedico a: Wirnaide, Linaiane (Naiane), Benedita, Sara, Jaci, Kássia, Silmara, Anizia, Rafaela, Juliana, Elieide, Luiz Dutra (in memoriam), Paulo, Helder, Alan, John, Valdez, Joab e Danilo. A Cada um destes construiu-se uma história que será marcada como uma boa amizade que levarei para a vida toda. A todos tenham certeza, vocês sempre estarão em minha memória e coração. Lembrarei sempre com muito carinho de todo tempo com qual convivemos nesses anos de graduação.

Aos meus pais João Batista Barboza e Elioneide de Sousa Barboza, pelo incentivo e amor. Ao meu filho Pedro Luiz pela inspiração.

Dedico.

## RESUMO

A Geografia como Ciência que estuda o espaço geográfico, traz consigo significativas contribuições que se relevam perante a sociedade. Nessa perspectiva, ao tratar-se das categorias geográficas que se estabelecem na Ciência em estudo, tem-se o território, que traz diferentes especificidades no que diz respeito a sua conceituação. O território está sujeito à presença de vulnerabilidades e conflitos sociais que interferem no condicionamento da sociedade em geral. O conhecimento acerca de territórios vulneráveis a homicídios, pode contribuir para execução de estratégias que possibilitem uma redução desses crimes nas cidades. Para tanto, buscou-se compreender a evolução nos índices de homicídios na cidade de Sousa-PB entre os anos de 2014 a 2016; e apontar os locais de ocorrências de homicídios verificando a correlação dos territórios vulneráveis com as características socioeconômicas da população. A isso, questionou-se: É possível apontar os locais de ocorrências de homicídios verificando a correlação dos territórios vulneráveis com as características socioeconômicas da população residente? O homicídio tem alguma correlação com a vulnerabilidade social? A metodologia aplicada consistiu em três etapas distintas, são elas: 1<sup>a</sup>) Levantamento bibliográfico pertinente a temática, onde foi usado: livros, artigos, monografias, teses de mestrado e doutorado, sendo estas usadas para leituras complementares e referências; 2<sup>a</sup>) Coleta de dados, estes fornecidos pela 19<sup>a</sup> Delegacia Seccional de Polícia Civil, através do Núcleo de Homicídios e Entorpecentes. Secretária de Segurança Pública – SSP/PB, sediada na cidade de Sousa-PB. 3<sup>a</sup>) Tratamento e análise desses dados, o qual foi subsídio importante para pesquisa geográfica, e que assim chegou-se as conclusões. A esses territórios espera-se maior atenção por parte da gestão público e organismos de segurança. Dessa forma, o conhecimento que se adquiriu desses territórios vulneráveis a homicídios, é seguramente de interesse da gestão pública e de todos os cidadãos de Sousa-PB. Contudo, a ciência geográfica mostrou-se bastante importante para a compreensão/explicação da problemática, assim como desses conflitos sociais (homicídios). No desenvolvimento e reflexão, observou-se que as desigualdades sociais visíveis nas paisagens da cidade de Sousa-PB podem ser um incremento para o desencadeamento de riscos e aspectos vulneráveis ao homicídio.

**Palavras-chave:** Geografia da Violência; Homicídio; Sousa-PB; Território; Vulnerabilidade Social.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 01.</b> Bairro do Gato preto – Sousa-PB.....	55
<b>Imagem 02.</b> Bairro Frei Damião – Sousa-PB.....	55

## LISTAS DE QUADRO

<b>Quadro 01.</b> Homicídios na cidade de Sousa-PB entre os anos de 2014 a 2016 – números absolutos .....	45
<b>Quadro 02.</b> Indicadores e variáveis para analisar a vulnerabilidade social.....	52

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01.</b> Taxa de homicídios por 100 mil habitantes no Brasil. (2004-2016).....	36
<b>Gráfico 02.</b> Taxa de homicídios por 100 mil habitantes: relação Brasil X Paraíba. (2010-2016).....	37
<b>Gráfico 03.</b> Despesas orçamentárias do Estado da Paraíba. (2010-2016).....	38
<b>Gráfico 04.</b> Valor adicionado do produto interno bruto (PIB) de Sousa-PB (2014).....	42
<b>Gráfico 05.</b> Taxa de homicídios por 100 mil habitantes: relação Paraíba X Sousa.....	46
<b>Gráfico 06.</b> Percentual de homicídios em Sousa-PB. (2014-2016).....	47
<b>Gráfico 07.</b> Evolução homicídios em Sousa-PB, relação meses do ano. (2014-2016).....	47
<b>Gráfico 08.</b> Instrumentos usados para consumação de homicídios. (2014-2016).....	48
<b>Gráfico 09.</b> Motivação de homicídios em Sousa-PB. (2014-2016).....	49
<b>Gráfico 10.</b> Média de idade das vítimas de homicídios em Sousa-PB. (2014-2016).....	50
<b>Gráfico 11.</b> Ocupação das vítimas de homicídios em Sousa-PB. (2014-2016).....	50
<b>Gráfico 12.</b> Percentual das vítimas de homicídios por cor da pele. (2014-2016).....	51

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 01.</b> Localização / Sousa-PB.....	43
<b>Mapa 02.</b> Setores censitários / Sousa-PB.....	53
<b>Mapa 03.</b> Homicídios ano 2014–2016 / Sousa-PB.....	54
<b>Mapa 04.</b> Percentual de densidade demográfica e homicídios no território intraurbano de Sousa-PB. (2014).....	56
<b>Mapa 05.</b> Percentual de domicílios particulares e homicídios no território intraurbano de Sousa-PB. (2014).....	57
<b>Mapa 06.</b> Percentual de domicílios com abastecimento de água e homicídios no território intraurbano de Sousa-PB. (2014).....	58
<b>Mapa 07.</b> Percentual de domicílios com coleta de lixo e homicídios no território intraurbano de Sousa-PB. (2014).....	58
<b>Mapa 08.</b> Percentual de pessoas com rendimentos de 1 a 2 salários e homicídios no território intraurbano de Sousa-PB. (2014).....	59
<b>Mapa 09.</b> Percentual de pessoas com rendimentos de 5 a 10 salários e homicídios no território intraurbano de Sousa-PB. (2014).....	60
<b>Mapa 10.</b> Percentual de densidade demográfica e homicídios no território intraurbano de Sousa-PB. (2015).....	61
<b>Mapa 11.</b> Percentual de domicílios particulares e homicídios no território intraurbano de Sousa-PB. (2015).....	61
<b>Mapa 12.</b> Percentual de domicílios com abastecimento de água e homicídios no território intraurbano de Sousa-PB. (2015).....	62
<b>Mapa 13.</b> Percentual de domicílios com coleta de lixo e homicídios no território intraurbano de Sousa-PB. (2015).....	63
<b>Mapa 14.</b> Percentual de pessoas com rendimentos de 1 a 2 salários e homicídios no território intraurbano de Sousa-PB. (2015).....	63
<b>Mapa 15.</b> Percentual de pessoas com rendimentos de 5 a 10 salários e homicídios no território intraurbano de Sousa-PB. (2015).....	64
<b>Mapa 16.</b> Percentual de densidade demográfica e homicídios no território intraurbano de Sousa-PB. (2016).....	65
<b>Mapa 17.</b> Percentual de domicílios particulares e homicídios no território intraurbano de Sousa-PB. (2016).....	65

<b>Mapa 18.</b> Percentual de domicílios com abastecimento de água e homicídios no território intraurbano de Sousa-PB. (2016).....	66
<b>Mapa 19.</b> Percentual de domicílios com coleta de lixo e homicídios no território intraurbano de Sousa-PB. (2016) .....	67
<b>Mapa 20.</b> Percentual de pessoas com rendimentos de 1 a 2 salários e homicídios no território intraurbano de Sousa-PB. (2016).....	67
<b>Mapa 21.</b> Percentual de pessoas com rendimentos de 5 a 10 salários e homicídios no território intraurbano de Sousa-PB. (2016) .....	68
<b>Mapa 22.</b> Porcentual de vulnerabilidade ao homicídio pelo total da população em Sousa-PB. (2014).....	69
<b>Mapa 23.</b> Porcentual de vulnerabilidade ao homicídio pelo total da população em Sousa-PB. (2015).....	70
<b>Mapa 24.</b> Porcentual de vulnerabilidade ao homicídio pelo total da população em Sousa-PB. (2016).....	70

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>1 CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE GEOGRÁFICA.....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 Território, relações de poder e territorialidade.....</b>	<b>19</b>
<b>1.2 Territórios e vulnerabilidades sociais.....</b>	<b>26</b>
<b>1.3 Configuração territorial e violência.....</b>	<b>29</b>
<b>2 GEOGRAFIA DA VIOLÊNCIA URBANA NO CENÁRIO SOCIAL DAS CIDADES E O PAPEL DO ESTADO FRENTE A ESSA PROBLEMÁTICA .....</b>	<b>33</b>
<b>2.1 Violência urbana e homicídios.....</b>	<b>33</b>
<b>2.2 Desafios do Estado frente a violência urbana: o caso da Paraíba.....</b>	<b>37</b>
<b>2.3 Caracterização da área objeto de estudo: Sousa-PB.....</b>	<b>41</b>
<b>3 TERRITÓRIOS VULNERÁVEIS A HOMICÍDIOS NA CIDADE DE SOUSA-PB ENTRE OS ANOS DE 2014 A 2016.....</b>	<b>45</b>
<b>3.1 Evolução nos índices de homicídios na cidade de Sousa-PB entre os anos de 2014 a 2016.....</b>	<b>45</b>
<b>3.2 Caracterização dos homicídios na cidade de Sousa-PB entre os anos de 2014 a 2016.....</b>	<b>48</b>
<b>3.3 Territórios vulneráveis a homicídios na cidade de Sousa-PB: dinâmica de um problema complexo.....</b>	<b>52</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>73</b>

## INTRODUÇÃO

A Geografia como Ciência que estuda o espaço geográfico, traz consigo significativas contribuições que se relevam perante a sociedade. Diante da diversidade de temáticas que se incorporam ao contexto geográfico, tem-se o estudo da geografia da violência urbana que, dentro dessa especialidade, pode-se refletir sobre territórios vulneráveis à homicídios, tendo em vista as relações sociais e seu espaço produzido.

Ao tratar-se das categorias geográficas que se estabelecem na Ciência em estudo, tem-se o território, que traz diferentes especificidades no que diz respeito a sua conceituação. No âmbito de suas definições ao se referir ao território, é possível compreendê-lo com a presença das desigualdades sociais, pobreza, vulnerabilidades sociais e lutas de classes, sendo essas geradas pela reprodução do sistema capitalista.

Com isso, existem fatos sociais que se ganham notoriedade no território a partir de embates, dentre esses fatos observa-se a violência urbana que traz consigo suas peculiaridades de acordo com cada lugar. Ao passo, que a ciência geográfica estuda a violência no contexto urbano das cidades, vê-se que a mesma pode se manifestar no território a partir de conflitos sociais.

Portanto, o território em uma concepção mais clássica da geografia, por exemplo, pode ser entendido a partir da ideia de “Estado-Nação”, tendo em vista que existem subdivisões que se organizam nessa categoria e nelas estão ligadas às “relações de poder”, ou seja, o “Estado” detém a organização que implica nas subdivisões: estados, cidades, bairros e setores censitários, uma escala do macro ao micro, há uma hierarquização nesse contexto para simplificar essas relações que se configuram em redes que interagem em si conforme os aspectos culturais.

O território, com isso, está sujeito à presença de vulnerabilidades e conflitos sociais que interferem no condicionamento da sociedade em geral. O conhecimento acerca de territórios vulneráveis a homicídios, pode contribuir para execução de estratégias que possibilitem uma redução desses crimes nas cidades. Assim, observando a violência urbana que se caracteriza a partir de diversas realidades no contexto social.

A vivência e aproximação acerca da análise de territórios vulneráveis a homicídios na cidade de Sousa-PB, se faz necessário a partir do momento que se busca compreender as contradições de um fenômeno em um determinado recorte espaço-temporal. Dessa maneira, a observação do dia a dia no cotidiano das cidades, se faz importante para o trabalho do

geográfico, tendo em vista as dinâmicas atribuídas as relações sociais e os conflitos existentes no espaço geográfico.

Ao se observar as relações sociais existentes em uma determinada cidade, é possível constatar uma dinâmica envolvendo fatores diversos para formação de territórios vulneráveis a qualquer fenômeno ligado a violência urbana, onde esses territórios podem vir a ser áreas ligadas a uma conjuntura violenta, mais especificamente a crimes que venham gerar mortes de indivíduos em situação de vulnerabilidade.

A violência é um fenômeno existente no mundo todo, no Brasil é campo fértil para muitas pesquisas geográficas, suas causas e consequências se espalham em meio aos territórios, todavia não podendo ser explicada apenas com um único conceito, porém, a concepção de que a mesma advém do ser humano e das relações sociais é sem dúvida a maneira pela qual podemos elencar as ideias para à construção de uma possível compreensão do problema que se encontra na cidade de Sousa-PB.

A cidade traz a relação social inserida no espaço geográfico, a partir de aspectos políticos, sociais, culturais e econômicos. Com isso, os grupos sociais se inserem em territórios específicos da cidade e os caracterizam com sua identidade. Dessa maneira, o projeto de pesquisa traz como tema “Geografia da Violência Urbana: Territórios Vulneráveis a Homicídios na Cidade de Sousa-PB entre os anos de 2014 a 2016”, apresentando uma proposta de investigar os territórios vulneráveis a esse conflito social, tendo em vista a Violência Urbana como temática e o crime de homicídio como fenômeno peculiar a ser apontado à junção dessa conjuntura.

Para tanto, a pesquisa foi norteada na perspectiva de analisar os territórios vulneráveis a homicídios na cidade de Sousa-PB entre os anos de 2014 a 2016, assim como apontar os locais de ocorrências e a evolução/características desses homicídios, frisando o território intraurbano da cidade de Sousa-PB. Todavia, englobando as características socioeconômicas dos territórios. Assim, as indagações a serem feitas são: É possível apontar os locais de ocorrências de homicídios verificando a correlação dos territórios vulneráveis com as características socioeconômicas da população residente? O homicídio tem alguma correlação com a vulnerabilidade social?

Para tentar responder esses questionamentos usou-se como procedimentos metodológicos no trabalho (TCC) em questão o aplicativo C7 GPS Dados, onde o mesmo identificou pontos de ocorrências de homicídios pelas coordenadas em UTM. Para o tratamento das informações e dados, assim como a confecção dos mapas, usou-se o programa QGIS 2.14 (Geoprocessamento), no qual foi feito a formulação do percentual de território em

vulnerabilidade e construção dos mapas. A metodologia aplicada consistiu em três etapas distintas, são elas: 1ª) Levantamento bibliográfico pertinente a temática, onde foi usado: livros, artigos, monografias, teses de mestrado e doutorado, sendo estas usadas para leituras complementares e referências; 2ª) Coleta de dados, estes fornecidos pela 19ª Delegacia Seccional de Polícia Civil, através do Núcleo de Homicídios e Entorpecentes. Secretária de Segurança Pública – SSP/PB, sediada na cidade de Sousa-PB. 3ª) Tratamento e análise desses dados, o qual foi subsídio importante para pesquisa geográfica, e que assim chegou-se as conclusões.

A área objeto de estudo, o município de Sousa-PB, encontra-se inserido nas regiões geográficas intermediárias, de Sousa-Cajazeiras, tal como faz parte das regiões geográficas imediatas, região denominada de Sousa. O município apresenta uma altitude de 223m e coordenadas geográficas de 38° 13' 51" longitude oeste e 06° 45' 39" de latitude sul.

O crime de homicídio é a forma mais extrema de violência, e este é tipificado no Código Penal Brasileiro em seu artigo 121, que significa conceitualmente Matar alguém, ou seja, tirar a vida de alguém. Portanto, seria essa a forma mais extrema de violência. Os homicídios são banidos e repudiados em diversas culturas pelo mundo, estes trazem a ideia de morte de um indivíduo, ou seja, a retirada da vida humana, que por vezes, é realizada por causas desprovidas de uma explicação lógica.

Além de todo o arcabouço que nasce com a violência estrutural, muitas das causas dos homicídios têm fortes relações com conflitos intrafamiliares, brigas banais, tráfico de drogas, assim como crimes de menor potencial, pequenos delitos (roubos, assaltos etc.), sendo esses fatores próximos que podem potencializar de forma embrionária o conflito gerador dos homicídios.

O conhecimento acadêmico tem uma grande importância na construção de pesquisas que podem ser fundamentais para a população, dentre elas identificar uma área de vulnerabilidade social que pode ser um dos caminhos para o planejamento de ações contra a violência, aliado a uma contribuição de um estudo baseado nas condições socioeconômicas e socioespaciais da área.

Quando a temática enseja para o contexto social, temos o problema da violência como forma de analisar os aspectos existentes no território de uma cidade, ou seja, a ação de um determinado fenômeno. Nesse caso o homicídio é algo a ser identificado e o território é necessário como uma categoria de análise a ser trabalhada.

A vulnerabilidade social é percebida a partir da percepção da pesquisa que pretende mostrar uma realidade inserida na configuração social, englobando nesses aspectos algumas

das características socioeconômicas das vítimas, e mostrando também o papel do programa governamental Paraíba Unida pela Paz como política pública para enfrentamento da violência.

O programa governamental “Paraíba Unida pela Paz” tem como propósito a integração de agentes de segurança pública no combate à criminalidade, assim como tende a participação da sociedade associado a uma articulação com o Ministério Público e Poder Judiciário, dentre outros órgãos, abordando a segurança pública como política de estado. As ações estão baseadas na ostensividade, prevenção e repressão qualificada nos crimes patrimoniais e principalmente nos que resultem em mortes.

Identificar os territórios vulneráveis a homicídios na cidade de Sousa-PB entre os anos de 2014 a 2016, parte da premissa que, os setores censitários são territórios que podem ter maior atenção das instituições de segurança pública. Sendo assim o estudo mostrou indicadores e variáveis apresentados nesses limites intraurbanos. Portanto, as relações socioeconômicas com o crime de homicídio, mostrará quais territórios podem ter a maior vulnerabilidade a incidência do fenômeno.

O território como categoria de análise se mostrou essencial na concepção do trabalho/pesquisa, pois nele foi possível se ter uma visão geográfica das relações de poder que se inserem em relação a territórios de vulnerabilidades a homicídios na cidade em estudo. O conhecimento empírico agrupado as leituras sobre tal temática in loco fez com que aumentasse o grau de abstração sobre essa categoria, assim foi possível compreender a dinâmica das relações sociais e seus conflitos.

# 1 CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE GEOGRÁFICA

## 1.1 Território, Relações de Poder e Territorialidade

Do ponto de vista histórico com base em pressupostos metodológicos e filosóficos positivistas, tem-se o conceito de território que a ele está atrelado uma visão jurídico-política de Estado-Nação<sup>1</sup>.

Essa teoria de Estado-Nação encontra-se na obra *Antropogeografia – fundamentos da aplicação da Geografia à História*<sup>2</sup> escrita em 1882 por Friedrich Ratzel. De maneira que o citando, Saquet (2013, p. 31) descreve que “seu método está centrado a indução: observação, descrição, comparação e classificação”.

É importante esclarecer que este método exposto por Ratzel em sua obra, é de base determinista. Todavia, essas proposições clássicas de Estado-Nação evidenciam o entendimento do conceito de território referente a época.

Atualmente, no entanto, o território<sup>3</sup> é bem definido como conceito, sendo uma categoria geográfica muito importante na geografia contemporânea, tendo em vista que o mesmo se apresenta a partir de uma pluralidade de significações conceituais. Com isso, é possível considerar o território a partir de várias perspectivas.

Contudo, invariavelmente, para se ter um entendimento do território é preciso se apropriar de alguns conceitos e noções bem distintas fazendo um diálogo com alguns autores. Para tal, tem-se a compreensão sobre “o processo de apropriação do território” onde este,

[...] é constituído pelo movimento histórico e por simultaneidades. Há um movimento constante que se materializa na vida cotidiana e no território, centrado na intersecção entre os tempos histórico e coexistente

---

<sup>1</sup> Originalmente, a discussão do território surgiu na geografia política do século XIX (na época da consolidação dos Estados-Nações) e definiu o território como um espaço de poder demarcado, controlado e governado e, assim, fixo. Na atualidade, todavia, atribui-se nova importância ao território por meio da mobilização das fronteiras por ações internacionais, interétnicas e interpessoais. (DA SILVA, 2009, p. 100)

<sup>2</sup> [...] pode-se dizer que esta obra funda a Geografia Humana. Nela, Ratzel definiu o objeto geográfico como o estudo da influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade. Estas influências atuam, primeiro na fisiologia (somatismo) e na psicologia (caráter) dos indivíduos e, através destes, na sociedade. Em segundo lugar, a natureza influenciaria a própria constituição social, pela riqueza que propicia, através dos recursos do meio em que está localizada a sociedade. (MORAES, 2007, p. 69).

<sup>3</sup> [...] A área de um país, estado, município, etc. [...] Extensão geográfica do Estado (solo, rios, lagos, baías, portos, etc.), sobre a qual ele exerce a sua soberania. [...] Área ocupada por animal: *O leopardo costuma defender seu território contra invasores.* (FERREIRA; et al, 2008, p. 477).

(multiescalar). No território há uma conjugação entre aspectos da economia, da política, da cultura e da natureza exterior ao homem (E-P-C-N). (SAQUET, 2007, p. 56).

Nessa mesma linha de raciocínio, Saquet (2007, p. 69) complementa afirmando que “O processo de apropriação do território é econômico, político e cultural, no qual, a natureza exterior ao homem está presente e é influente [...] O território é resultado e condição desta articulação e unidade”.

Essa abordagem feita pelo autor supracitado enfatiza o homem como ser influente, assim como indica um dimensionamento do conceito de território. Porém, a compreensão deste pode se mostrar mais ampla e multidimensional, e isso é evidente quando se discorre sobre território. Conquanto, Souza (2000, p. 81) afirma que:

Territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica.

O território nesse ponto de vista pode possuir marcas temporais, tal como particularidades pelo seu caráter permanente e cíclico, ou seja, pode-se considerar território a partir de uma pluralidade de características distintas. Dessa forma, dando continuidade a ideia baseando-se numa visão política e cultural, Souza (2000, p. 84) aponta que o território seria,

[...] o espaço concreto em si (com seus atributos naturais e socialmente construídos) que é apropriado, ocupado por um grupo social. A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade. Um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, paisagem).

Observa-se, portanto, a compreensão de que o território seria este espaço concreto em conformidade com a identidade sociocultural, logo, estaria assim a dimensão com que o conceito de território se desenha. Dessa maneira, na constituição de um território tem-se um grupo, onde este possui identidade, conseqüentemente cada um possui um território que pode ser definido de forma distinta. Com isso, remete-se a ideia de que este território possui marcas identitárias que o caracteriza.

De modo semelhante, para Saquet (2007, p. 71) “[...] território significa identidade, entendida como produto de interações recíprocas, de territorialidades, no âmbito das relações que acontecem entre a sociedade e a natureza”.

Ao passo que se pensa a identidade do indivíduo, percebe-se que há uma mistura de experiências vividas num determinado território e que, por sua vez, transformam o espaço. Com isso, o território traz uma abordagem significativa quanto a isso, ao vê-se que:

Território é o espaço das experiências vividas, onde as relações entre os atores, e destes com a natureza, são relações permeadas pelos sentimentos e pelos simbolismos atribuídos aos lugares. São espaços apropriados por meio de práticas que lhes garantem uma certa identidade social/cultural (BOLIGIAN; ALMEIDA, 2003, apud SILVA, 2009, p. 109).

Contudo, para o entendimento referente à identidade, Claval (1999, p. 15) enfatiza que:

A identidade aparece como uma construção cultural. Ela responde a uma necessidade existencial profunda, a de responder à questão: quem ‘sou eu?’ Ela o faz selecionando um certo número de elementos que caracteriza, ao mesmo tempo, o indivíduo e o grupo: artefatos, costumes, gêneros de vida, meio, mas também sistemas de relações institucionalizadas, concepções da natureza, do indivíduo e do grupo, como lembra Françoise Héritier a respeito dos Samo. Os traços que caracterizam as pessoas são tão numerosos que somente uma parte é retida para definir a identidade.

É importante levar em consideração a existência da identidade, para que o território possa assim concretizar-se como espaço que se define em meio aos grupos de indivíduos. Posterior a isso, segundo Claval (1999, p. 9 apud Brunet et al., 1992, p. 436) “O território diz respeito à projeção sobre um espaço determinado de estruturas específicas de um grupo humano, que inclui a maneira de repartição e, gestão do ordenamento desse espaço”.

Portanto, os grupos humanos também podem se configurar em território. Para isso, a partir de um gerenciamento desse espaço, onde este se delimita, todavia, formando-o. Atribuído a isso, amplia-se a percepção para uma possível definição no tocante ao conceito/significado de território.

Contudo, para Raffestin (1993, p. 58):

[...] O território não é menos indispensável, uma vez que é a cena do poder e o lugar de todas as relações, mas sem a população, ele se resume apenas a uma potencialidade, um dado estático a organizar e a integrar numa estratégia. Os recursos, enfim, determinam os horizontes possíveis da ação. Os recursos condicionam o alcance da ação.

Nessa perspectiva, o poder está inserido no território como ação que atua muito além do que rege a limitação do Estado. Por exemplo, este (poder) ultrapassa essas barreiras, podendo ser identificado nos mais variados recortes que estão presentes na dinâmica social.

Esse poder ora observado nesse contexto de território, e que assim se exerce, nada mais é que o fundamento para organização que permeia as redes de relações sociais. Contudo, para Raffestin (1993, p. 159) “O poder é inevitável e, de modo algum, inocente. Enfim, é impossível manter uma relação que não seja marcada por ele”. Destarte,

[...] o poder significa, nessa perspectiva, relações sociais conflituosas e heterogêneas, variáveis, intencionalidade, relações de força que extrapolam a atuação do Estado e envolvem e estão envolvidas em outros processos da vida cotidiana, como a família, as universidades, a igreja, o lugar de trabalho, etc. (SAQUET, 2013, p. 32).

A dinâmica social pode ser ressaltada em distintas frações, assim compreende-se o poder nas relações sociais a partir de fragmentos menores, estendendo a compreensão para além do Estado. Dessa maneira, todos os segmentos se subdividem e se organizam de acordo com o condicionante poder, sendo este por muitas vezes simbólico.

Deste modo, segundo Foucault (1978, p. 82 apud Saquet, 2013, p. 32) observa-se que “O poder é produzido nas relações, em cada instante; não é uma instituição, mas uma situação complexa da vida em sociedade”.

Na complementação de suas ideias em relação ao conceito de poder, Foucault (apud Raffestin, 1993, p. 53) enfatiza elencando pontos que sintetizam a natureza do poder, são eles:

1. O poder não se adquire; é exercido a partir de inumeráveis pontos.
2. As relações de poder não estão em oposição de exterioridade no que diz respeito a outros tipos de relações (econômicas, sociais, etc.), mas são imanentes a elas.
3. O poder vem de baixo; não há uma oposição binária e global entre dominador e dominados.
4. As relações de poder são, concomitantemente, intencionais e não subjetivas.
5. Onde há poder há resistência e, no entanto, ou por isso mesmo, esta jamais está em posição de exterioridade em relação ao poder.

Dessa forma, para Souza (2000, p. 96) “o poder é onipresente nas relações sociais, o território está, outrossim, presente em toda a espacialidade social – ao menos enquanto o homem também estiver presente”.

Assim, refletindo em uma abordagem relacional da vida em sociedade, onde o poder é observado, corrobora-se com Raffestin (1993, p. 52) onde este aduz que:

O poder é parte intrínseca de toda relação. Multidimensionalidade e imanência do poder em oposição à uma unidimensionalidade e à transcendência: ‘O poder está em todo lugar; não que englobe tudo, mas vem de todos os lugares’. Por tanto, seria inútil procurar o poder ‘na existência original de um ponto central, num centro único de soberania de onde irradiaria formas derivadas e descendentes, pois é o alicerce móvel das relações de força que, por sua desigualdade, induzem sem cessar a estados de poder, porém sempre locais e instáveis’.

Diante da importância que o poder exerce na constituição do território, tem-se que este só é possível, acompanhado da dinâmica social/relações sociais. Dessa maneira, o poder é parte indissociável na construção de um território. Com isso, em continuidade as ideias, Souza (2000, p. 111) afirma que “todo espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder é um território, do quarteirão aterrorizado por uma gangue de jovens até o bloco constituído pelos países membros da OTAN”.

Assim, compreende-se que o poder é parte integrante das relações observadas no conceito de território, isso conduz a ideia de que o espaço socialmente construído, onde este possua o condicionante social e que se organiza a partir de relações de poder, seja um território.

As relações de poder são de fundamental importância para compreender como organiza-se e como compõe-se um território, este definido em várias escalas, da local à global. Contudo, para Saquet (2013, p. 27) “As relações de poder têm sido efetivadas historicamente, em consonância com as características de cada sociedade. Envolve relações (i) materiais, tanto geopolítica como econômica e culturalmente”.

Assim, Saquet (2013, p.32-33) relata que:

O desvendamento das relações de poder e da ideologia se faz fundamental porque, nesta, age-se na orientação e constituição do eu, do indivíduo, integrando-o à dinâmica socioespacial através das mais distintas atividades da vida em sociedade. A ideologia molda comportamentos e atitudes, condiciona normas e vice-versa. O território, nesta multidimensionalidade do mundo, assume diversos significados, a partir de territorialidades plurais, complexas e em unidade. E esta é uma questão fundamental, que marcou a redescoberta do conceito de território sob novas leituras e interpretações: mudam os significados do território conforme se altera a compreensão das relações de poder.

As relações de poder compõem a organização do território. Diante dessa concepção, o poder estaria na produção das relações sociais e na complexidade que elas se apresentam. Em outras palavras, tudo tem seu envolvimento nas relações sociais e onde o homem é o ator

principal desse contexto, onde este se organiza, se territorializa e mantém a sua territorialidade em meio a relações de poder. Destarte,

O poder é inerente às relações sociais, que substantivam o campo de poder. O poder está presente nas ações do Estado, das instituições, das empresas, enfim, em relações sociais que se efetivam na vida cotidiana, visando ao controle e à dominação sobre os homens e as coisas, ou seja, o que Claude Raffestin denomina de trunfos de poder. É uma abordagem também multidimensional das relações de poder que se traduz numa compreensão múltipla do território e da territorialidade. (SAQUET, 2013, p. 33).

Ao tratar de territorialidade, tem-se que ao caracterizá-la, o naturalista do início do século XX, H. E. Howard (1920, s/p apud Raffestin, 1993, p. 159) afirma que a territorialidade é “a conduta característica adotada por um organismo para tomar posse de um território e defendê-lo contra os membros de sua própria espécie”.

É claro que a ideia sobre territorialidade nessas discussões, parte da percepção de estudos que tratavam com mais evidência a “territorialidade animal”. Deste modo, a territorialidade vai ser abordada tempos mais tarde pelas ciências sociais e que nela tem como ator de grande importância o ser humano e suas relações dinâmicas e comportamentais. Destarte:

Nas ciências do homem ela foi tratada, seja direta ou indiretamente, por aqueles que de perto ou de longe abordaram as relações com o espaço ou o território. No entanto, os esforços foram bem menores para identificar a territorialidade humana com precisão. (RAFFESTIN, 1993, p. 159).

Contudo, vê-se a gênese do conceito de territorialidade, este de forma primitiva teoricamente, o qual não se pode fugir dele para iniciar a discussão que se pretende lançar. Desassociando-se os conceitos de territorialidade animal da territorialidade humana, Raffestin (1993, p. 161) alerta que “É urgente abandonar as analogias animais para tratar da territorialidade humana”. Contudo, dando continuidade em uma outra linha de raciocínio, este indica que:

A territorialidade se inscreve no quadro da produção, da troca e do consumo das coisas. Conceber a territorialidade como uma simples ligação com o espaço seria fazer renascer um determinismo sem interesse. É sempre uma relação, mesmo que diferenciada, com os outros atores. (RAFFESTIN, 1993, p. 161).

A exposição dessas ideias mostra o amadurecimento científico no passar dos anos, estes trouxeram mais consistências nos conceitos de territorialidade. Para tanto, conseqüentemente, tem-se que:

A Territorialidade nos humanos é melhor pensada não como algo biologicamente motivada, mas sim enraizada socialmente e geograficamente. Seu uso depende de quem está influenciando e controlando o quê e quem, nos contextos geográficos de espaço, lugar e tempo. A Territorialidade está intimamente relacionada em como as pessoas usam a terra e como elas organizam-se no espaço, e como elas dão sentido ao lugar. Claramente, essas relações mudam, e a melhor maneira de estudá-las é a de revelar sua mudança de caráter em relação ao tempo. A Territorialidade assim repousa em duas tradições geográficas: a Geografia Social e a Geografia Histórica. (SACK, 1986, p. 3).

A vista disso, a influência e o controle, assim como a organização do espaço são partes integrantes de como a ação da dinâmica social cria a territorialidade nos limites de cada território, dando sentido ao conceito. Para isso, Saquet (2007, p. 70) afirma que “a definição de territorialidade extrapola as relações de poder político, os simbolismos dos diferentes grupos sociais e envolve, ao mesmo tempo, a dinâmica econômica centrada em seus agentes sociais”.

Dessa forma, para Saquet (2007, p. 58) “Os processos sociais e naturais, e mesmo nosso pensamento, efetivam-se na e com a territorialidade cotidiana. É aí, neste nível, que se dá o acontecer de nossa vida e é nesta que se concretiza a territorialidade”.

Contudo, em uma outra perspectiva ligando-a a outras vertentes, estas também geográficas, de acordo com Saquet (2009, p. 90) tem-se que:

A territorialidade corresponde ao poder exercido e extrapola as relações políticas envolvendo as relações econômicas e culturais, indivíduos e grupos, redes e lugares de controle, mesmo que seja temporário, do e no espaço geográfico com suas edificações e relações. A territorialidade efetiva-se em todas as nossas relações cotidianas, ou melhor, ela corresponde às nossas relações sociais cotidianas em tramas, no trabalho, na família, na rua, na praça, na igreja, no trem, na rodoviária, enfim, na cidade-urbano, no rural agrário e nas relações urbano-rurais de maneira múltipla e híbrida.

Assim, a territorialidade tem que ser compreendida nos processos sociais e naturais, assim como base do poder existente em meio às relações entre os indivíduos. Os conceitos e noções de territorialidade evidenciam a dinâmica: Território – Relação de poder – Territorialidade, onde estes deixam margem para proposições que facilitarão a compreensão

de fenômenos existentes em meio ao contexto social. De maneira que, essas discussões se farão presentes no próximo item.

## 1.2 Territórios e Vulnerabilidades Sociais

Diante das noções, conceitos e características da categoria território, na ciência geográfica, vê-se que a mesma é uma categoria pertinente e que traz consigo suas especificidades, assim passíveis de se relacionar com aspectos de vulnerabilidade social, fator esse que pode se expressar/manifestar no território a partir de variadas facetas.

Distintos teoricamente, é importante que se diga, territórios e vulnerabilidades sociais têm em comum suas significações conceituais. Contudo, nos limites do território é possível observar aspectos incomuns, tais como as desigualdades sociais que se inserem nos espaços intraurbanos, por exemplo. Assim constitui-se territorialidades a partir da caracterização de territórios vulneráveis socialmente. É bom lembrar que, para Souza (2000, p. 78), “O Território [...] é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”.

O conceito de território trazido pelo autor supracitado mostra que as relações de poder podem ser referidas como as lutas de classe ora existentes entre os grupos privilegiados que participam da sociedade de forma mais ativa – morando e frequentando os melhores espaços urbanos –, e dos grupos excluídos socialmente – morando em lugares periféricos e excluídos de certos espaços urbanos –, e que por razões lógicas de carências materiais, sociais e econômicas não têm uma participação mais significativa no cenário social.

Os grupos excluídos relacionam-se, territorializam-se e mantêm suas territorialidades no espaço urbano, assim como suas identidades, nesse ínterim, seus problemas e conflitos diários podem ser expostos, tornando-os vulneráveis. Contudo, são esses (excluídos socialmente) que pelo processo de exclusão social<sup>4</sup> se inserem no território.

Os grupos privilegiados além de terem parte do aparelhamento urbano ao seu favor – serviços, infraestrutura, lazer, dentre outros –, necessitam dos grupos dos excluídos, pois os grupos privilegiados mantêm o “poder” e exercem uma “territorialidade” que pode ser

---

<sup>4</sup> O termo exclusão social tem sentido temporal e espacial: um grupo social está excluído segundo determinado espaço geográfico ou em relação à estrutura e conjuntura econômica e social do país a que pertence. No Brasil, esse termo está relacionado principalmente à situação de pobreza, uma vez que as pessoas nessa condição constituem grupos em exclusão social, porque se encontram em risco pessoal e social, ou seja, excluídas das políticas sociais básicas (trabalho, educação, saúde, habitação, alimentação). (GOMES; PEREIRA, 2005, p. 359).

compreendida pelo “controle” e “domínio” do grupo dos excluídos. Nesse enfoque os grupos privilegiados precisam destes (excluídos) para atividades com pouca ou nenhuma qualificação de trabalho, ou seja, serviços domésticos, atividades braçais, dentre outras. A informalidade, subempregos e desemprego prevalecem para uma grande maioria. Assim, observa-se como se constituem espaços mais suscetíveis a vulnerabilidade social em meio as relações de poder entre esses grupos sociais.

Porém, nesse entendimento, mais uma vez reforçam-se as relações de poder, assim como o território de onde deriva a territorialidade, trazendo para isso suas distintas semelhanças à luz dos aspectos sociais. Para tanto, as relações de poder em conjunto com os grupos de indivíduos e os mais variados condicionantes sociais formam os territórios. Contudo, segundo Fernandes (2013, p. 176):

Os territórios em diferentes escalas se sobrepõem. São utilizados de diferentes formas assim como as pessoas assumem e executam distintas funções ou como as relações sociais se mesclam, gerando multiterritorialidades. Esses processos complexos muitas vezes são generalizados, dificultando análises mais aprofundadas.

Defronte a tal definição considera-se a escala, ou seja, os territórios em suas multiescalaridades, assim como as multiterritorialidades a que esses territórios podem se mesclar e serem observados. Para tanto, sabe-se que o território por si só não pode ser considerado um espaço vulnerável, pois como é sabido, ele precisa da dinâmica social, ou melhor, os sujeitos sociais.

A vulnerabilidade social é um fator que pode estar presente no território e que assim traz uma perspectiva relacional devido as diferenças entre grupos de indivíduos. Todavia, através da compreensão de territórios e vulnerabilidades sociais é possível buscar uma análise mais detalhada do espaço que se perfaz no ambiente intraurbano, assim como conhecer os espaços mais desprovidos da dinâmica social, estes vulneráveis socialmente.

Compreendendo o que ora lançou-se teoricamente sobre territórios e algumas de suas nuances, deve-se a esse momento definir alguns conceitos em relação às características que envolvem o tema “vulnerabilidade social”. Diante disso, Da Rocha (2007, p. 24) é enfático ao afirmar que,

O tema caracteriza-se por um complexo campo conceitual, constituído por diferentes concepções e dimensões que podem voltar-se para o enfoque econômico, ambiental, de saúde, de direitos, entre tantos outros. Ainda que essa temática venha sendo trabalhada ao longo de anos, cabe salientar que ela consiste em um conceito em construção, tendo em vista sua magnitude e

complexidade. A emergência da temática da vulnerabilidade social se dá nos anos 90, a partir do esgotamento da matriz analítica da pobreza, que se reduzia a questões econômicas. A temática estava mais voltada para o sentido de conhecer os setores mais desprovidos da sociedade (uma vez que se utilizava de indicadores de acesso ou de carências de satisfação das necessidades básicas) do que para compreender os determinantes do processo de empobrecimento. Com isso, foram delineados os grupos de risco na sociedade, com uma visão focalizada do indivíduo e não no contexto social que produziu a vulnerabilidade.

A vulnerabilidade social compreende fatores multidimensionais que ameaçam e também expõem os grupos sociais, assim, seus conceitos (em construção) buscam integrar/explicar quais processos desencadearam os “riscos” a que os grupos de indivíduos estão sujeitos. Portanto, nessa perspectiva, “Falar em riscos sociais não se restringe a situações de pobreza, mas está associado a um amplo espectro de situações, como o desemprego, dificuldades de inserção social, enfermidades, violência, etc.” (CANÇADO et al, 2014, p. 2).

Contudo, acrescentando a ideia de vulnerabilidade social de acordo com Marques et al (2014, p. 163) tem-se que,

Nas ciências sociais e humanas, a vulnerabilidade social refere-se aos grupos sociais mais marginalizados de uma sociedade, aqueles que estão excluídos dos benefícios e direitos que todos deveriam aceder num mundo civilizado. Está relacionado a processos de exclusão social, pobreza, discriminação e violação de direitos fundamentais, em consequência do seu nível de rendimento, educação, saúde, localização geográfica, entre outros. De uma maneira geral, aqueles que não possuem trabalho estão mais suscetíveis à vulnerabilidade e ao risco social do que os empregados. Mas os que trabalham, também poderão ser vulneráveis, se forem mal remunerados, se só conseguirem trabalhar a tempo parcial, ou se tiverem empregos inseguros ou informais.

Essa dimensão a que envolve a vulnerabilidade social mostra-se bem mais ampla e é o resultado de um desenvolvimento e da busca para o melhor entendimento de grupos de indivíduos que por circunstâncias atípicas da sociedade está excluída e não participa da lógica social pelo fato de compor as camadas que são destituídas de uma série de necessidades básicas no contexto social. Com isso, envolvem-se indivíduos que vão figurar em alguns recortes do quadro social. Findo isso, para Vignoli (2001, p. 2 apud Cançado et al, 2014, p. 2) adiciona-se que,

[...] compreende vulnerabilidade como a falta de acesso às estruturas de oportunidade oferecidas pelo mercado, estado ou sociedade, apontando a

carência de um conjunto de atributos necessários para o aproveitamento efetivo da estrutura de oportunidades existentes.

Efetivamente sintetizando o desenvolvimento dessa conjuntura referente aos territórios e vulnerabilidades sociais, tem-se que a problemática a que esta apresenta é importante para tentar identificar, compreender e refletir sobre questões sociais bastante complexas no ambiente intraurbano.

Com isso, dentre os fatores que se inserem na vulnerabilidade social de um determinado território, tem-se a violência que afeta a sociedade e se remete a tal configuração territorial, trazendo consigo suas peculiaridades. Contudo, a referida explanação será debatida no item a seguir de maneira específica.

### **1.3 Configuração territorial e violência**

Compreender a dinâmica territorial, em linhas gerais, é enxergar como os processos naturais/sociais se desencadeiam no espaço geográfico. Nesse sentido, Santos (2008, p. 83) afirma que “A configuração territorial é o território mais o conjunto de objetos existentes sobre ele; objetos naturais ou objetos artificiais que a definem”.

Nesses aspectos a que se atribui a dinâmica dos objetos, a configuração territorial é, em suma, sem grandes pormenores, algo intrincado no contexto geográfico, pois sua compreensão é extensivamente ligada as relações territoriais existentes nos processos sociais/naturais.

Diante disso, pressupõe-se que a configuração territorial é um aspecto importante para observar/refletir na formação de espaços desiguais, e que podem apresentar fenômenos que são específicos do ambiente intraurbano das cidades, a estes, temos a vulnerabilidade social, e que nessa acrescenta-se outros condicionantes que são a desigualdade social, assim como a violência. Dessa maneira, de acordo com Andrade e Braga Filho (2016, p. 195):

A desigualdade social, a pobreza extrema e a miséria, a concentração de renda e da riqueza por uma minoria de privilegiados, a desigualdade de oportunidades, ainda que não sejam as únicas causas, são sem dúvida, cicatrizes abertas que podem provocar a violência.

Por conseguinte, a partir do processo de desigualdade social, ora existente em uma cidade, observa-se os princípios geradores da formação de territórios que podem ser vulneráveis a um fenômeno violento. À vista disso conjectura-se que a desigualdade social

assim como a vulnerabilidade social se expressa/manifesta no território por uma diversidade de fatores, estes sociais, e que podem ser processados como algo que está na formação de fenômenos violentos no ambiente urbano das cidades.

Sabe-se que a configuração territorial supõe a materialidade existente no espaço geográfico. Logo, o que se pretende é mostrar como se forma/configura através dos processos de desigualdade social fenômenos específicos que não estão dissociados do ambiente urbano das cidades. Assim, diante disso deve-se compreender o que a configuração territorial e violência tem em comum no contexto social urbano de uma cidade.

O processo de desigualdade social é concebido pelo sistema capitalista pelo viés econômico, este, princípio de uma configuração territorial que se forma de maneira excludente, gerando violência. É completamente visível nas paisagens das cidades espaços desiguais, sejam eles edificações, estabelecimentos comerciais, clubes, parques dentre outros.

Os grupos dos excluídos, esses os menos favorecidos economicamente são expulsos sutilmente e não tem qualquer acesso a ambientes mais bem aparelhados, nesse sentido aponta-se o Estado capitalista que por razões políticas priorizam certas áreas das cidades enquanto que os locais mais periféricos carecem de serviços que são facilmente encontrados em outras áreas, sendo estas dos grupos privilegiados.

As estruturas que se moldam nos espaços dos grupos dos excluídos são problemas muito comuns em ambientes de periferia, a saber – saneamento básico e coleta de lixo, ou seja, a insuficiência destes fomenta áreas para deposição de lixo e esgoto a céu aberto, algo perceptível em bairros periféricos das cidades. A falta de cuidados e manutenção do ambiente público também faz criar ambientes e espaços deteriorados (parques, escolas, creches, postos de saúde, etc.), surge assim moradias inadequadas, dentre tantos outros problemas que configura o território onde se expressa/manifesta a desigualdade e vulnerabilidade.

Assim, constata-se que a configuração territorial nesse aspecto a que envolve as desigualdades sociais é produto e resultado de espaços vulneráveis socialmente. Nessa óptica, há tratamentos desiguais entre cidadãos, há concentração de riqueza por alguns, obedecendo para tanto uma lógica capitalista que serve pessoas privilegiadas socialmente e que assim cria um processo de segregação no ambiente urbano, assim surgem nesses cenários estruturas que fomentam a violência, em destaque, inicialmente, a “violência estrutural”.

A violência estrutural que se aborda faz parte da lógica desse sistema capitalista, onde este permanentemente cede espaço aos diversos processos pelo qual passa as relações sociais, o acúmulo de riqueza de uma minoria em detrimento da penúria de uma maioria, e que assim

manifestar-se nesse conjunto quase que imperceptíveis. Assim, segundo Santos Junior (2014, pp. 44-43):

Entende-se violência como sendo uma forma de ação ou omissão que podem ser advindas do indivíduo ou grupo social, ou até mesmo de uma estrutura deficiente que não atende a função intrinsecamente imposta a ela, ou ainda quando essa estrutura, embora aparentemente atenda as funções necessárias ao seu funcionamento, não corresponde à relevância socioambiental, prejudicando a coletividade, a economia, a política desenvolvimentista, e seus aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais. [...] A grande problemática observada nessa espécie de violência é quanto sua complexidade, que está impregnada na função determinada pelo meio, tal maneira que muitas vezes se tornam invisíveis ou até mesmo, imperceptíveis à sociedade. A aceitação dessa forma violenta está intrínseca no âmago societário pelo fato de que não a percebemos esse tipo de violência por não conter a agressões pontualmente físicas, mas que atingem o psicológico individual e coletivo. A exemplo disso são as filas de empreendimentos bancários, hospitalares, congestionamentos.

Nessa lógica, compreender especificamente sobre essas problemáticas a que o espaço urbano está exposto é o caminho necessário para entender os aspectos da violência estrutural. Para tanto, enfatiza-se no específico a “violência”, a esta a “violência estrutural”, onde tem-se os processos que se configuram em estruturas que são moldadas pelo sistema capitalista.

Dessa forma, Santos (2001, p. 37) enfatiza o capitalismo em sua “globalização perversa”. Esta seria uma das gêneses das mais variadas formas de violência, onde nela estão as “relações de produção” no espaço urbano das cidades. Todavia, para Carlos, (2013, p. 78) “É no urbano que se manifestam mais claramente as relações de produção capitalistas e onde a violência se faz maior”.

Contudo, compreendendo que nas relações de produção capitalista podem existir violência, objetiva-se expor um delineamento das estruturas da violência, estas com base teórica por tratar-se de um problema de multicausalidade e multidimensionalidade.

Não obstante, sabe-se que a violência é uma problemática que envolve uma grande parcela da sociedade, direta e indiretamente. Possuindo raízes profundas, a violência não se explica por simples atos agressivos cotidianos na vida social, por isso tem nela aspectos mais significativos a serem abordados até se chegar na consumação de violências mais específicas.

Como um fenômeno de grande complexidade inserido nas relações sociais, a violência estrutural, tem além disso todo um sistema que a alimenta. Assim, Minayo e Souza (1993, p. 9, apud Macedo, et al, 2001, p. 516) enfatizam que “A violência como fenômeno complexo, multifacetário e resultante de múltiplas determinações articula-se intimamente com

processos sociais que se assentam, em última análise, numa estrutura social desigual e injusta”. Para tanto, de acordo com Cançado et al, (2014, p. 2):

É, portanto, insuficiente pensar soluções meramente econômicas para problemas de ordem estrutural, que em sua maioria possui raízes profundas, como problemas herdados da própria formação nacional, deterioração do sistema democrático, planejamento urbano ineficiente, entre outros.

A problemática atribuída a violência, esta estrutural, tem todo um enraizamento que está fincado em meio a sociedade, seja por atuação do Estado capitalista, relações de produção, globalização, escolhas políticas ou por distorções que se fizeram com o passar dos anos no processo histórico.

Há mutações nesses processos e que se incutem na sociedade e fazem surgir conflitos entre classes, ampliando problemáticas como aumento da população em estado de vulnerabilidade social, assim como a pobreza, desigualdades sociais e violências específicas. Dessa maneira, Santos (2001, pp. 55-56) afirma que:

Fala-se, hoje, muito em violência e é geralmente admitido que é quase um estado, uma situação característica do nosso tempo. Todavia, dentre as violências de que se fala, a maior parte é sobretudo formada de violências funcionais derivadas, enquanto a atenção é menos voltada para o que preferimos chamar de violência estrutural, que está na base da produção das outras e constitui a violência central original. Por isso, acabamos por apenas condenar as violências periféricas particulares. [...] a violência estrutural resulta da presença e das manifestações conjuntas, nessa era da globalização, do dinheiro em estado puro, da competitividade em estado puro e da potência em estado puro, cuja associação conduz à emergência de novos totalitarismos e permite pensar que vivemos numa época de globalitarismo muito mais que de globalização. Paralelamente, evoluímos de situações em que a perversidade se manifestava de forma isolada para uma situação na qual se instala um sistema da perversidade, que, ao mesmo tempo, é resultado e causa da legitimação do dinheiro em estado puro, da competitividade em estado puro e da potência em estado puro, consagrando, afinal, o fim da ética e o fim da política.

O autor supracitado sintetiza o que se pode compreender por violência estrutural, definindo-a, este enfatiza parte de todas as derivações de violência que assim surgem a partir da centralidade existente na complexa gama de elementos encontrados nos processos originados do sistema capitalista. A violência estrutural é a gênese, e nela advém fenômenos específicos, a exemplo, a violência urbana que tem como grande preocupação social os crimes de homicídios, assim considerados as formas mais cruéis de violência.

## **2 GEOGRAFIA DA VIOLÊNCIA URBANA NO CENÁRIO SOCIAL DAS CIDADES E O PAPEL DO ESTADO FRENTE A ESSA PROBLEMÁTICA.**

### **2.1 Violência urbana e Homicídios**

A violência urbana aqui apresentada é produção e resultado da violência estrutural exposta no capítulo anterior. Diante disso, as diversas violências urbanas são derivadas da violência estrutural. A essa violência urbana suscita várias outras violências (roubos, assaltos, latrocínios, homicídios, etc.). Portanto, existe muitos tipos de violências que são consideradas urbanas.

Por ser múltipla, a violência urbana abrange dentre tantos outros aspectos a delinquência e criminalidade, e assim pela sua complexidade torna-se uma grande preocupação de estudiosos, geógrafos, sociólogos, profissionais de segurança pública, dentre outros. Estes buscam trabalhar/compreender suas nuances em meio ao contexto urbano das cidades.

A percepção de aumento pela população, assim como os números com bases científicas, é um alerta para se refletir/pensar a violência urbana a partir da ciência geográfica. No Brasil, o fenômeno da violência urbana é um tema muito importante para pauta política, e assim, tem que ser debatido com mais efetividade, destarte:

Na sociedade brasileira, o crescimento da violência urbana, em suas múltiplas modalidades – crime comum, crime organizado, violência doméstica, violação dos direitos humanos, vem se constituindo uma das maiores preocupações sociais nas duas últimas décadas. (SUDBRACK, 2010, p. 111).

Contudo, essas preocupações sociais são evidenciadas pelo recrudescimento da violência urbana nas cidades brasileiras, onde em razão disso aumenta também o campo de atuação nas ciências que buscam explicações mais tangíveis ao fenômeno. Assim, a violência urbana tem uma dimensão significativa a tal ponto que se converge em variadas manifestações violentas. Entretanto, nessa concepção, segundo Abramovay, et al (2002, p. 13):

A violência é, cada vez mais, um fenômeno social que atinge governos e populações, tanto global quanto localmente, no público e no privado, estando seu conceito em constante mutação, uma vez que várias atitudes e comportamentos passaram a ser considerados como formas de violência.

Como um fenômeno social a violência urbana é base referencial importante, tanto que a partir desta, busca-se compreendê-la em suas construções estruturais no contexto social intraurbano. Assim, dando continuidade ao pensamento de Abramovay et al (2002, p. 18), “A violência é um dos eternos problemas da teoria social e da prática política. Na história da humanidade, tem-se revelado em manifestações individuais ou coletivas”. Diante disso, de acordo com Andrade e Braga Filho (2016, p. 198):

[...] a questão da violência é complexa e multifacetada, razão pela qual, associa-la à pobreza, à desigualdade, ao desemprego, à carência e precariedade de serviços públicos essenciais, entre outros fatores, é insuficiente para explicá-la dada a sua própria complexidade. Ainda que determinadas causas da violência sejam convergentes, outros fatores são incorporados ao debate ampliando ainda mais o arcabouço teórico relacionado ao tema.

Diante de tais considerações conceituais apresentadas pelos autores supracitados, tem-se uma noção da violência urbana. Todavia, com o auxílio da ciência geográfica é possível identificar, localizar e conhecer a territorialidade do fenômeno. Assim aduz Francisco Filho (2003, p. 67):

A violência urbana se apresenta como um problema complexo. Dentre seus componentes mais significativos está sua forte relação com o espaço, pois todas as ações possuem uma grandeza, uma natureza e uma localização. É na sua espacialização que os fenômenos ambientais se expressam, tornando possível a identificação das relações de causa e efeito entre inúmeras variáveis com expressão territorial.

Contudo, compreendendo a violência urbana segundo Régis Morais em seu livro “O que é violência urbana”, este enfatiza que “Onde há medo, há ameaças; e onde estão as ameaças está a violência” (MORAIS, 1981, p. 16). Assim, corroborando-se com esse pensamento, Galtung (1990, p. 292 apud PALHARES E SCHWARTZ 2015, p. 16) enfatizando que “[...] Ameaças de violência também são violência”. Logo, diante dessa perspectiva, ainda de acordo com Morais (1981, p.16):

[...] se torna um tanto difícil abordar o tema violência, pois que a sua realidade percorre desde as violências vermelhas (sangrentas) até as violências brancas (como o empregado na linha de montagem que, nas grandes indústrias, é na verdade o prisioneiro de um campo de concentração habilmente disfarçado).

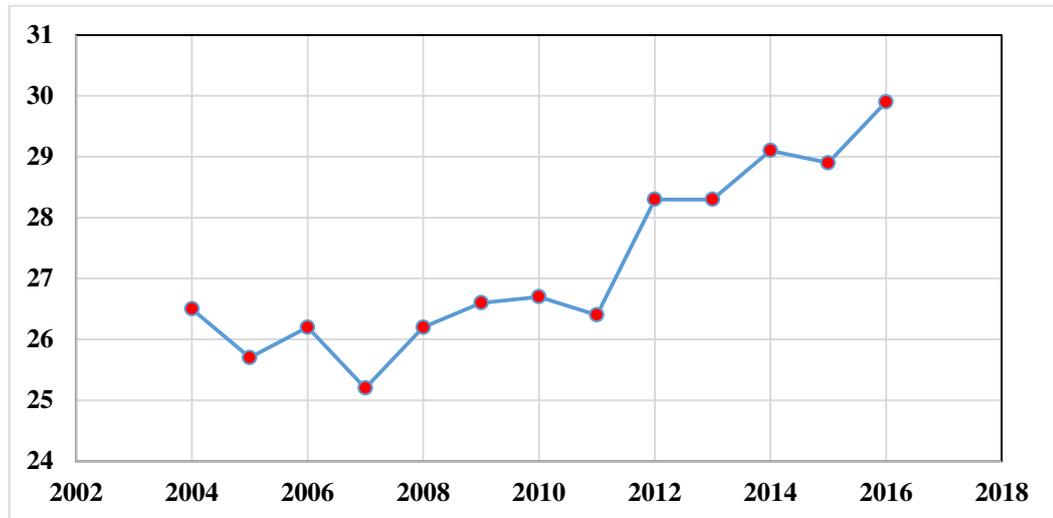
A partir da visão apresentada pelo autor supracitado de que a violência urbana em sua completude é um fenômeno de difícil abordagem devido suas subjetividades, Souza (2005, p. 81) ressalta que “é claro que a violência tem se manifestado desde sempre tanto na cidade como no campo, e nas diferentes formas possíveis: guerras convencionais, guerras civis, revoluções, crimes políticos, crimes passionais, latrocínios (ou seja roubo seguido de morte)”. Assim, a violência é observada como conflito social urbano de maior expressão no espaço urbano. Para tanto, é possível compreender que boa parte das cidades de diferentes dimensões territoriais e populacionais podem apresentar fenômenos violentos. Isso posto, segundo Morais (1981, p. 84):

Se é verdade que assaltos, latrocínios e homicídios não existe somente no grande centro urbano, é verdade também que em nenhum outro lugar se teme essas coisas com mais intensidade. Isto está ligado não só a quantidade desses crimes verificado na metrópole, mas a um fator qualitativo que lhe empresta uma dimensão aterrorizante. É que algumas modalidades de violência, ainda que não sejam propriamente ‘razoáveis’, obedecem, nas cidades pequenas e até no meio rural, a uma certa lógica para que aconteçam.

Diante das noções e exposições conceituais em relação a violência urbana, tem-se a forma mais extrema de violência, o crime de “homicídio”, este tipificado no Código Penal Brasileiro em seu artigo 121, que significa conceitualmente “Matar alguém”, ou seja, tirar a vida de alguém. Portanto, seria essa a forma mais extrema de violência.

Os homicídios são banidos e repudiados em diversas culturas pelo mundo, estes trazem a ideia de morte de um indivíduo, ou seja, a retirada da vida humana, que por vezes, é realizada por causas desprovidas de uma explicação lógica. Além de todo o arcabouço que nasce com a violência estrutural, muitas das causas dos homicídios têm fortes relações com conflitos intrafamiliares, tráfico de drogas, assim como crimes de menor potencial, pequenos delitos (roubos, assaltos etc.), sendo esses fatores próximos que podem potencializar de forma embrionária o conflito gerador dos homicídios.

Em relação aos crimes de homicídios, os números do Brasil são considerados preocupantes, pois às taxas são comparadas a países em conflitos armados (guerrilhas, revoluções, guerras em geral, dentre outros). No entanto, mostra-se aqui a realidade brasileira em relação ao homicídio, tendo para isso ênfase no recrudescimento desse fenômeno. Assim, através do (**Gráfico 01**), observa-se as taxas de homicídios do país entre os anos de 2004 a 2016:

**Gráfico 01.** Taxa de homicídios por 100 mil habitantes no Brasil. (2004-2016).

**Fonte:** Atlas da Violência 2016. **Elaboração:** Luiz Barboza.

O Atlas da Violência 2016 expõe uma problemática atual, os homicídios, estes trazem à tona um fenômeno que é preocupante pela grandiosidade numérica de suas taxas (Vide **Gráfico 01.**), e que assim deveria ter a preocupação mais ativa dos governantes em todo o território nacional através de políticas públicas. Assim, conjectura-se que o Brasil se configura num ranking que o coloca numa triste realidade, com números de homicídios que são comparáveis a países em guerra, apesar de não estar oficialmente em algum conflito dessa magnitude. Contudo, aduz Cerqueira, et al (2016, p. 6):

Para situarmos o problema, estas mortes representam mais de 10% dos homicídios registrados no mundo e colocam o Brasil como o país com o maior número absoluto de homicídios. Numa comparação com uma lista de 154 países com dados disponíveis para 2012, o Brasil, com estes números de 2014, estaria entre os 12 com maiores taxas de homicídios por 100 mil habitantes.

A exposição dos percentuais de homicídios mostra a dimensão dessa problemática social no Brasil. As crescentes taxas a que se observa nesses percentuais apresentados reflete o quanto o homicídio tem que ser pensado, pesquisado, debatido e estudado, não só nas suas causas. Diante do que foi exposto, no próximo item pretende-se fazer uma explanação sobre os desafios do Estado frente a violência urbana, destacando o caso da Paraíba. Assim, projeta-se a isso apontar algumas problemáticas sociais, tal como as Políticas Públicas de Segurança a que o Estado da Paraíba possui para o enfrentamento da violência urbana e as crescentes taxas de homicídios em seu território.

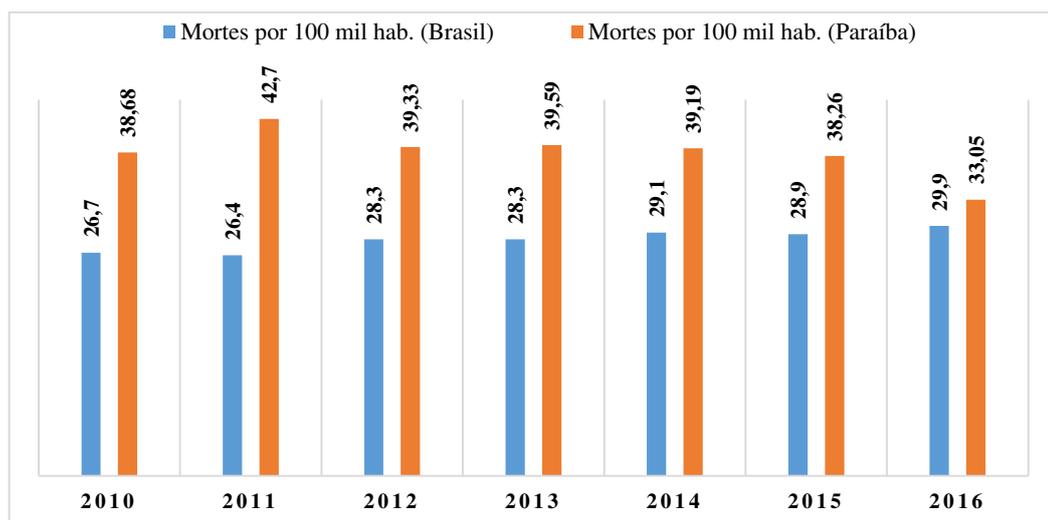
## 2.2 Desafios do Estado frente a violência Urbana: o Caso da Paraíba.

Ao discorrer sobre os desafios do Estado frente a violência urbana, destacando o Estado da Paraíba, imagina-se listas intermináveis de problemas sobrepostos. Diante disso, observa-se os gastos aplicados em áreas sociais, a exemplo, receitas orçamentárias, assim como algumas questões relacionadas a própria violência urbana (taxas de homicídios), para tanto, nesses aspectos é pertinente enfatizar algum tipo de programa governamental de segurança pública existente no Estado da Paraíba.

A violência estrutural discorrida anteriormente envolve diretamente uma grande estrutura moldada e consolidada por um sistema produtivo de consumo totalmente injusto que é o sistema capitalista; este faz crescer adversidades que se desencadeiam substancialmente, entre estas estão as fortes desigualdades sociais, pobreza e vulnerabilidade social.

A partir desses aspectos sociais surge a violência urbana nas cidades brasileiras. Nessa violência em específico observa-se as taxas de homicídios nos últimos anos (Brasil/Paraíba), estas cada vez mais preocupantes. O crime de homicídio é um tipo distinto de violência que pela sua extremidade/crueldade é importante mensurá-lo para, pôr fim, compreendê-lo. A vista disso, no (**Gráfico 02**), observa-se as taxas de homicídio do Brasil em relação a Paraíba:

**Gráfico 02.** Taxa de homicídios por 100 mil habitantes: Relação Brasil X Paraíba. (2010-2016).



**Fonte:** IPEA, Atlas da Violência 2016. **Elaboração:** Luiz Barboza.

Através do (**Gráfico 02**) é possível observar que o Estado da Paraíba teve uma diminuição mais significativa em suas taxas de homicídios de 2015 a 2016, estas numa série

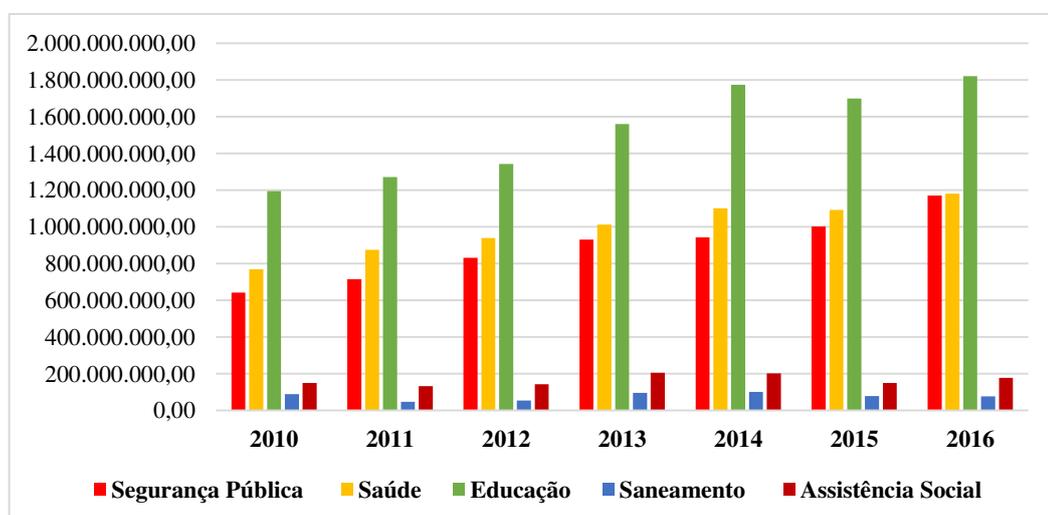
histórica que compreende os anos de 2010 a 2016. A média nacional nas taxas de homicídios apesar de serem mais baixas em relação a Paraíba, ainda se encontram numa situação de alerta já que por orientação de órgãos internacionais a exemplo das Organizações das Nações Unidas – ONU, recomenda-se que essas taxas não ultrapassem os 10 homicídios por 100 mil habitantes (ONU/BR, 2017, s/p).

Evidentemente, é importante ressaltar que as taxas de homicídios da Paraíba são bem maiores que as taxas nacionais. No entanto, os comparativos das taxas de homicídios, nacional (Brasil) em relação a estadual (Paraíba) faz com que se reflita sobre a problemática que se assevera no país, e que assim se dá a vários fatores que vão desde ineficiências no quadro social, assim como a pouca efetividade de políticas públicas direcionadas as populações que mais carecem.

Diante disso, pode-se justificar tais fenômenos (homicídios) a existência de problemas que o próprio Estado por escolhas no direcionamento de suas políticas públicas pode acarretar. Sabe-se que os investimentos em áreas sociais no país em sua totalidade são incipientes, e isso se reflete em desigualdades sociais, assim como no desenvolvimento ainda que carente de oferecer uma boa qualidade de vida para grandes parcelas da população.

O território estatal traz a ideia anteriormente exposta de Estado Nação, o qual nesse se exerce uma relação de poder com a população, é nesse Estado que se deve proporcionar subsídios as políticas públicas em áreas que podem ser essenciais no enfrentamento da violência urbana. Enfatizando, o Estado da Paraíba nessa apreciação, observa-se o (**Gráfico 03**), onde nele mostra as despesas orçamentárias numa série temporal que abrange 2010 a 2016:

**Gráfico 03.** Despesas orçamentárias do Estado da Paraíba. 2010 - 2016.



**Fonte:** Sistema de Acompanhamento da Gestão dos Recursos da Sociedade – SAGRES – TCE/PB

**Elaboração:** Luiz Barboza.

Analisando o (**Gráfico 03**), em primeiro lugar é notório o maior investimento na Educação, este apresenta-se em crescimento na série exposta. A Saúde é constatada como sendo o segundo maior investimento na Paraíba nessa série, logo em seguida, surge a Segurança Pública em terceiro lugar. Os dois últimos recursos orçamentários nessa ordem estão na Assistência social e Saneamento, respectivamente.

Nas análises ora desenhadas na exposição dos gráficos constata-se que os investimentos apesar de serem altos em algumas áreas, estes não apresentam muita efetividade nas taxas de homicídios – anteriormente exibidas –, seria essa uma crítica ao planejamento, equilíbrio e distribuição dos recursos em áreas que podem ser essenciais a gestão pública<sup>5</sup>. Nesse sentido, e dando continuidade aos desafios que podem ser enfrentados, “O Estado deve mobilizar organizações que atuam nas áreas da saúde, educação, assistência social, planejamento urbano e, naturalmente, da segurança”. (BEATO FILHO, 1999, p. 25). Destarte,

Os desafios da gestão pública no Brasil atual se tornam evidentes nos discursos políticos e no reconhecimento por parte dos governos da necessidade de implementação de políticas públicas que produzam efeitos no sentido de reverter os graves problemas sociais encravados na sociedade brasileira, inclusive no enfrentamento da violência e da criminalidade. Neste sentido, torna-se fundamental uma observância crítica do que vem ocorrendo principalmente na gestão de políticas de segurança pública. Com efeito, emerge o desafio de enfrentamento da questão por parte do Estado através de seus mecanismos e estruturas de poder. (SILVA; CARVALHO, 2008, p. 2)

Contudo, uma gestão bem projetada e planejada dá origem a mecanismos para não fomentar problemáticas futuras, a exemplo disso, a violência urbana. De fato, através desses aspectos é que se pode conceber o desafio do Estado frente a violência urbana. Assim nessa perspectiva,

[...] deve-se pensar inclusive o papel do Estado na (re)definição de políticas sociais, especialmente políticas públicas que atendam às demandas da população, principalmente no tocante a políticas conduzidas pela administração pública inerentes ao bem-estar social. A Constituição Federal brasileira de 1988, assegura em seu artigo 37 princípios fundamentais da administração pública tais como: ‘legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência’. Entretanto, o cotidiano das repartições estatais revela que na prática o cumprimento conjunto de tais princípios ainda se apresenta como desafio para a gestão pública. (SILVA; CARVALHO, 2008, p. 6)

---

<sup>5</sup> [...] a análise da gestão pública é indissociável da análise do Estado e sua configuração, o que remete ao papel por ele assumido historicamente em diferentes contextos. Pensar da evolução histórica a gestão pública bem como, de forma prospectiva, as tendências ou possibilidades de seu desenvolvimento futuro remete a uma reflexão sobre o papel esperado do Estado no momento atual. (CARNEIRO; MENICUCCI, 2013, p. 136)

As políticas públicas aplicadas na área social podem ser importantes ferramentas no enfrentamento da violência urbana ora apresentada nas crescentes taxas de homicídios no país, e nesse contexto em específico o Estado da Paraíba. O Estado paraibano como é observado tem melhorado em alguns anos as taxas de homicídios, porém, não suficientemente para diminuir a violência urbana que se estabelece no Estado e o conseqüente aumento dos crimes de homicídios, ante isso projeta-se,

Um Estado que garanta a segurança jurídica e a segurança social. Neste sentido, a gestão de políticas de segurança pública que objetivam o enfrentamento da violência e da criminalidade apresenta-se como um desafio tanto para o Estado quanto para o controle social. (SILVA; CARVALHO, 2008, p. 8)

Nesse aspecto em relação à políticas públicas de segurança no tocante a Paraíba, a exemplo, deve-se destacar o programa governamental Paraíba Unida pela Paz<sup>6</sup> que estabelece premiações aos agentes de segurança pública em cumprimento de metas estabelecidas pelo governo do Estado da Paraíba na redução de homicídios. Tal programa considera índices internacionais para o cumprimento dessas metas.

Esse programa governamental nada mais é que uma ideia que deu certo no Estado vizinho (Pernambuco), onde este denominou-se Pacto pela Vida<sup>7</sup>, com tal programa o Estado pernambucano conseguiu reduzir os crimes de homicídios nos últimos anos, servindo para tanto como modelo para outros Estados, exemplo seguido pelo Estado paraibano. Esse programa governamental mostra o quanto é importante para compreensão de uma problemática estrutural que se reflete em desafios ao país e conseqüentemente entre os estados federativos.

---

<sup>6</sup> [...] criado pelo Governo do Estado em 2011 e tem como objetivo integrar a Polícia Civil, Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros, a fim de reduzir os índices de criminalidade em território paraibano. O programa visa à participação da sociedade e a articulação com o Ministério Público e Poder Judiciário, entre outros órgãos, tratando a Segurança Pública como política de estado. As ações são de prevenção, ostensivas e de repressão qualificada, incluindo trabalhos de Inteligência, com foco na redução de Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) – homicídios dolosos ou qualquer outro crime doloso que resulte em morte – e Crimes Violentos Patrimoniais (CVP). (GOVERNO DA PARAÍBA/POLÍCIA CIVIL, 2017, s/p)

<sup>7</sup> [...] é uma política pública de segurança, transversal e integrada, construída de forma pactuada com a sociedade, em articulação permanente com o Poder Judiciário, o Ministério Público, a Assembleia Legislativa, os municípios e a União. O marco inicial foi a elaboração do Plano Estadual de Segurança Pública (PESP-PE 2007), do qual saíram 138 projetos estruturadores e permanentes de prevenção e controle da criminalidade, produzidos pelas câmaras técnicas, aglutinados em torno das linhas de ação e executados por organizações do Estado e da sociedade. (GOVERNO DE PERNAMBUCO/SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E GESTÃO, 2017, s/p)

A apresentação do programa Paraíba Unida Pela Paz mostra que o Estado da Paraíba apesar de tê-lo efetivamente implantado desde de 2011, este não conseguiu com os esforços estatais diminuir de forma significativa suas taxas de homicídios, assim observadas no **(Gráfico 02)**. Portanto, os desafios de diminuir os homicídios na Paraíba ainda estão postos, e refletem-se no seu espaço, principalmente no urbano. É evidente que num caso de uma problemática tão complexas como a violência urbana não é possível uma solução definidora e definitiva como um passe de mágica, mas que se pode refletir e pensar em novos caminhos, em novas alternativas.

Assim, de frente a tais desafios, ora existentes no Estado da Paraíba, onde se tem altas taxas de homicídios, desvela-se inúmeras inquietações científicas, dentre as quais cita-se a esse momento um afinilamento para um território em específico, o município de Sousa-PB, onde nesse será apontado como a área objeto de estudo da pesquisa, e para o qual será exibida suas características no próximo/último item desse capítulo.

### **2.3 Caracterização da área objeto de estudo: Sousa-PB.**

Numa breve síntese e limitada síntese histórica, pode-se dizer que logo após a conquista da Paraíba (1585), surge os primeiros povoamentos colonizados no sertão paraibano, e entre estes destaca-se aqui a elevação a categoria de vila (1732), do hoje município de Sousa-PB – nome atual –, homenagem ao seu “benfeitor”, o padre Bento Freire de Sousa. A este atribui-se o erguimento da capela em homenagem a Nossa Senhora dos Remédios (Atual Igreja do Rosário dos Pretos), padroeira da cidade, ainda no Séc. XVIII, época em que Sousa contava com uma pequena quantidade de habitantes que povoavam as margens do Rio do Peixe. (OCTÁVIO, 1994, p. 74-76).

Atualmente, o município de Sousa-PB, objeto desse estudo, encontra-se inserido nas “regiões geográficas intermediárias<sup>8</sup>”, de “Sousa-Cajazeiras”, tal como faz parte e denomina a região imediata a qual faz parte (Sousa)<sup>9</sup>. O município apresenta uma altitude de 223m e

---

<sup>8</sup> As Regiões Geográficas Imediatas têm na rede urbana o seu principal elemento de referência. Essas regiões são estruturas a partir de centros urbanos próximos para a satisfação das necessidades imediatas das populações, tais como: compras de bens de consumo duráveis e não duráveis; busca de trabalho; procura por serviços de saúde e educação; e prestação de serviços públicos, como postos de atendimento do Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, do Ministério do Trabalho e de serviços judiciários, entre outros. (IBGE, 2017, p. 19).

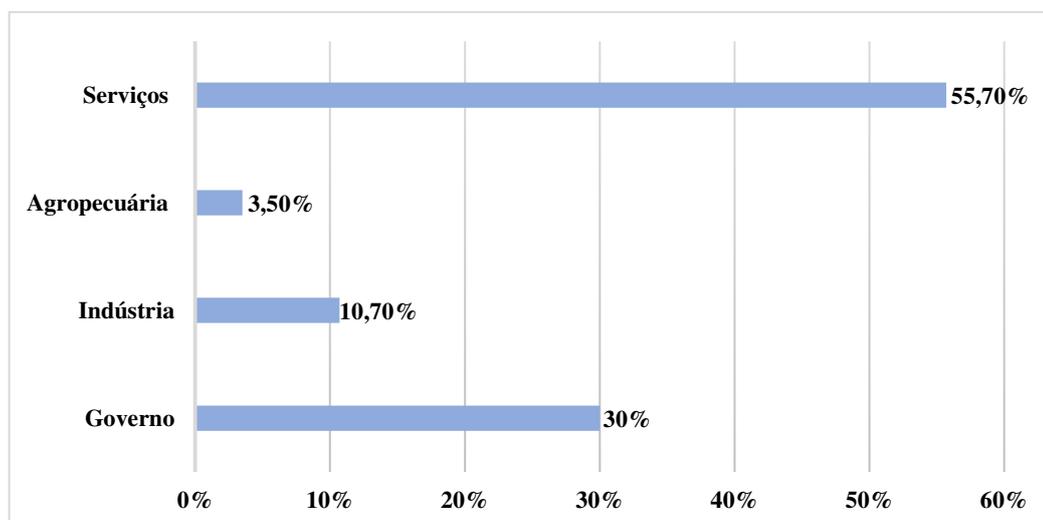
<sup>9</sup> As Regiões Geográficas Imediatas têm na rede urbana o seu principal elemento de referência. Essas regiões são estruturas a partir de centros urbanos próximos para a satisfação das necessidades imediatas das populações, tais como: compras de bens de consumo duráveis e não duráveis; busca de trabalho; procura por serviços de saúde e educação; e prestação de serviços públicos, como postos de atendimento do Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, do Ministério do Trabalho e de serviços judiciários, entre outros. (IBGE, 2017, p. 19).

coordenadas geográficas de 38° 13' 51" longitude oeste e 06° 45' 39" de latitude sul. (IBGE, 2010 s/p).

A sede municipal encontra-se distante da capital João Pessoa cerca de 438 km, apresentando uma área territorial de 738.547 km<sup>2</sup>, correspondendo uma densidade demográfica de 89,1 hab/km<sup>2</sup>, ou seja, para uma população residente de 65.803 habitantes, segundo dados do último censo (IBGE, 2010, s/p).

Em termos demográficos, o município de Sousa-PB possui uma expectativa de vida de 73 anos, tendo, para tanto, um IDHM considerado “Médio” de 0,668 (IBGE, 2010, s/p), seguido de um Índice de Gini de 0,54 (IBGE, 2010, s/p). Todavia, outro aspecto importante/interessante a ser destacado no município sousense é o Produto Interno Bruto – PIB de 926.41 milhões de reais. (IBGE, 2014, s/p). Diante de tais valores é possível analisar o PIB/Valor Adicionado<sup>10</sup> de 2014, através do (**Gráfico 04**), onde nesse observa-se os valores do PIB divididos por setores produtivos.

**Gráfico 04:** Valor adicionado do Produto Interno Bruto (PIB) de Sousa – PB (2014).

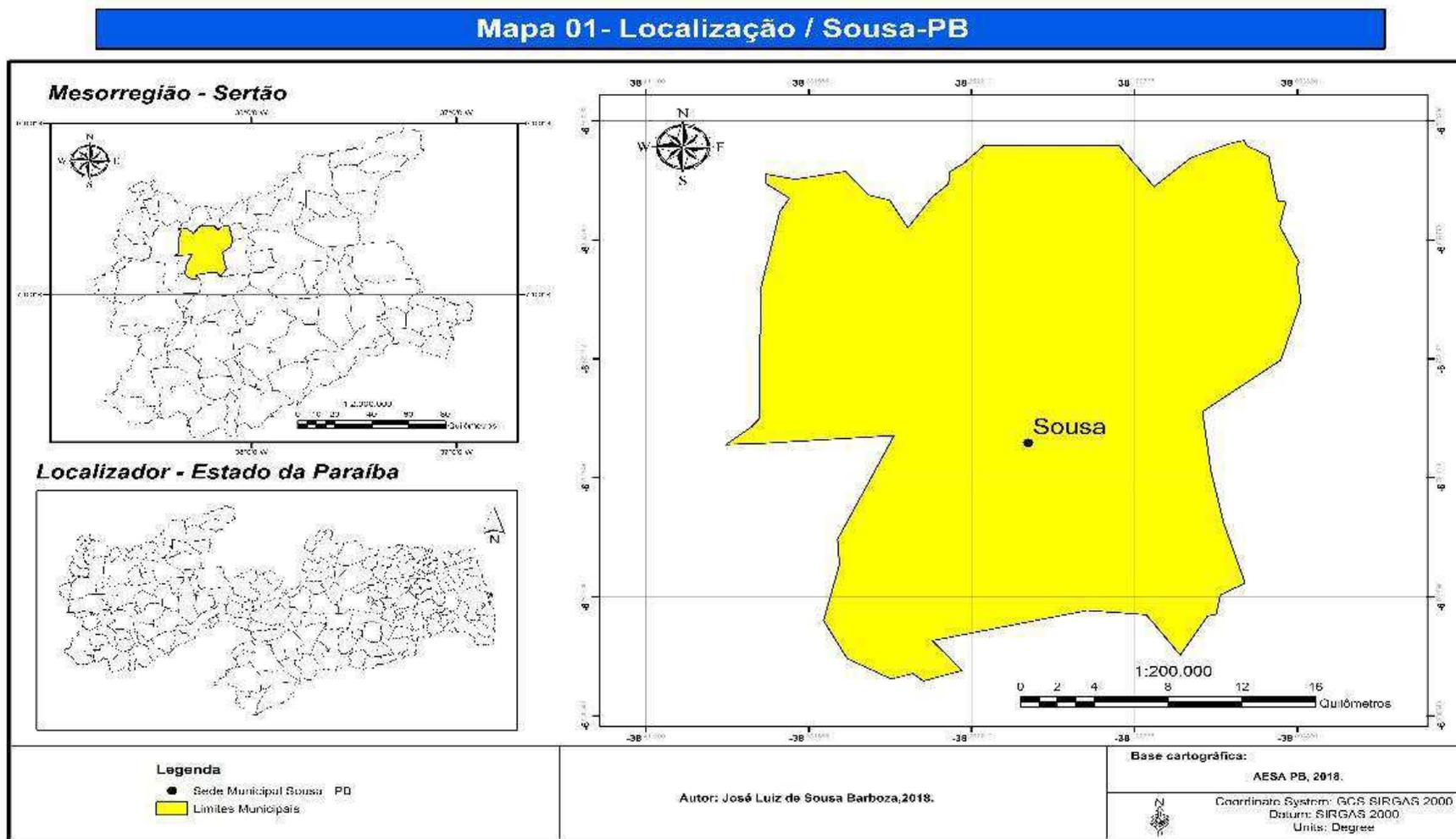


**Fonte:** IBGE, 2014. **Elaboração:** Luiz Barboza

O PIB do município de Sousa encontra-se entre os maiores do Estado da Paraíba. Todavia, a renda per capita, por sua vez, é de 1.311,06 reais. (IBGE, 2010, s/p). Diante dos dados, é conveniente ressaltar que Sousa-PB possui uma taxa de urbanização de 78,84%.

<sup>10</sup> [...] Valor que a atividade agrega aos bens e serviços consumidos no seu processo produtivo. É a contribuição ao produto interno bruto pelas diversas atividades econômicas, obtida pela diferença entre o valor de produção e o consumo intermediário absorvido por essas atividades. (IPEADATA/GLOSSÁRIO, 2017, s/p).

(IBGE CIDADES, 2017, s/p). No **(Mapa 01)**, é possível observar a localização do município de Sousa-PB no contexto da Paraíba.



Fonte: SIRGAS, 2000. Elaboração: Luiz Barboza (2018).

As principais atividades econômicas do município são: agricultura, (coco, banana, milho, feijão, algodão e sorgo); industrial, (alimentícias, laticínios, metalúrgicas e saponificação); e comercial, (serviços bancários, educação, saúde e informática). Outro aspecto importante a ser exposto é o destaque nacional a que se dá à Sousa-PB, esta por possuir inúmeros sítios paleontológicos (Vale dos Dinossauros) que é de grande importância científica de uma forma geral, assim como chama atenção de historiadores, geógrafos e paleontólogos.

Na área educacional o município de Sousa-PB dispõe de muitas escolas, colégios e faculdades, estas se distribuem em públicas e privadas – a exemplo –, o Centro de Educação Especial Integrada Geny Ferreira – CEEIGEF, assim como a Escola Estadual Mestre Júlio Sarmiento (Colégio Comercial), nos colégios/escolas particulares tem-se: o Colégio Monteiro Lobato, Nossa Senhora Auxiliadora, Ação Colégio e Curso, UNOPAR, dentre outros. É no município sousense que está localizado o Centro de Ciências Jurídicas e Sociais – CCJS, Campus da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, onde destaca-se as graduações de Direito, Ciências Contábeis, Serviço Social e Administração.

Diante disso, percebe-se que Sousa-PB é um município com destaque entre os municípios paraibanos, notadamente pelos seus aspectos econômico-social-educacional, sendo capaz de atrair pessoas para estudo, trabalho, consumo etc. resultando também na procura por fixar moradia, aumentando a dinâmica do município e papel destacado na rede de influência do sertão paraibano. Mas, apesar do relativo destaque de Sousa na Paraíba, vale destacar que também se registram problemas sociais, tipo a pobreza, as desigualdades, a vulnerabilidade e, o mais, grave: os homicídios.

Portanto, entre as problemáticas sociais registradas em Sousa-PB, cabe destacar, no próximo item, a evolução dos homicídios, visando assim iniciar a compreensão desse fenômeno e sua relação com o território.

### 3 TERRITÓRIOS VULNERÁVEIS A HOMICÍDIOS NA CIDADE DE SOUSA-PB ENTRE OS ANOS DE 2014 A 2016.

#### 3.1 Evolução nos índices de homicídios na cidade de Sousa-PB entre os anos de 2014 a 2016.

O crime de homicídio, como foi enfatizado, vem tornando-se um fenômeno preocupante para o país, e conseqüentemente para a Paraíba, Estado esse que em suas políticas públicas de segurança possui um programa governamental para o enfrentamento dos homicídios e violência urbana (Paraíba Unida Pela Paz).

No entanto, sabe-se que posterior a consumação dos crimes de homicídios se tem uma grande estrutura de perversidade e desigualdade, consequência do sistema capitalista, onde neste tem gerado a violência estrutural, a isso, revela-se as elevadas taxas de homicídios apresentadas anteriormente.

As excessivas taxas de homicídios apresentadas no (**Gráfico 02**), só reforçam ainda mais o recrudescimento do crime de homicídio no país, conseqüentemente, no Estado da Paraíba. No contexto dos homicídios, a partir da cidade de Sousa-PB, pode-se refletir sobre a evolução numa série temporal que compreende os anos de 2014 a 2016 (recorte temporal da presente pesquisa). Os números (**Quadro 01**) servem para ter uma proximidade com a problemática e melhor compreendê-la.

**QUADRO 01.** Homicídios na cidade de Sousa-PB entre os anos de 2014 a 2016 – Números absolutos.

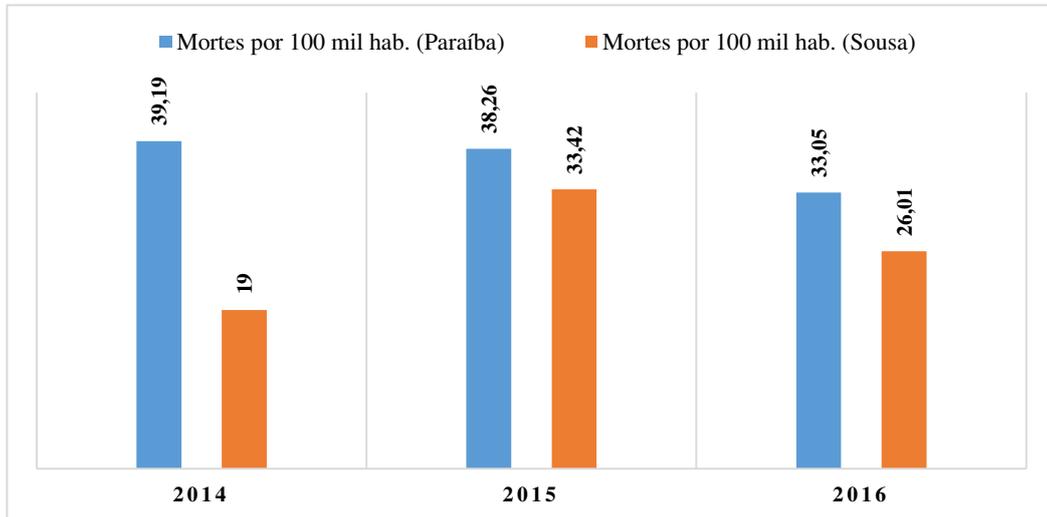
ANO	HOMICÍDIOS
2014	13
2015	23
2016	18

**Fonte:** 19ª Delegacia Seccional de Polícia Civil – Sousa-PB. Núcleo de Homicídios e Entorpecentes. Secretária de Segurança Pública – SSP/PB. **Elaboração:** Luiz Barboza.

Aparentemente, ao observar apenas os números absolutos, pode-se pensar que eles não são tão relevantes. Mas, os homicídios em Sousa-PB, são consideráveis quando comparados aos da Paraíba e do Brasil. Usando uma comparação relativa ao tamanho populacional, ou seja, a taxa de homicídios para 100 mil habitantes, percebe-se que estes

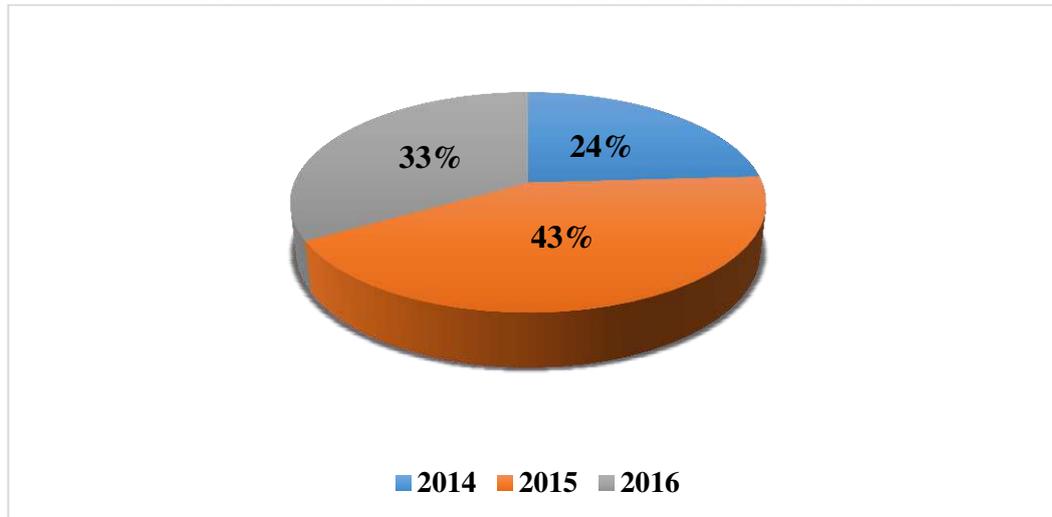
(Gráfico 05), apesar de estarem abaixo da média paraibana, merecem atenção justamente por Sousa-PB ser uma cidade ainda relativamente pequena.

**Gráfico 05.** Taxa de Homicídios por 100 mil habitantes: Relação Paraíba X Sousa.



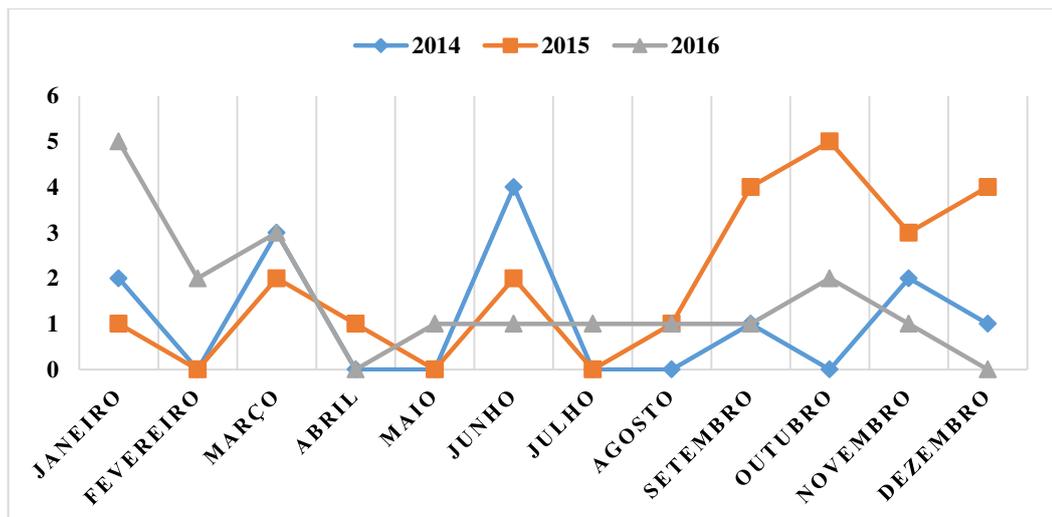
**Fonte:** 19ª Delegacia Seccional de Polícia Civil – Sousa-PB. Núcleo de Homicídios e Entorpecentes. Secretária de Segurança Pública – SSP/PB. **Elaboração:** Luiz Barboza.

Observa-se que Sousa possui taxas de homicídios muito elevadas nessa série temporal que compreende os anos de 2014 a 2016. Todas as taxas são superiores aos 10 homicídios por 100 mil habitantes, isto é, tidos como “normal” por organismos internacionais. Assim, vale ressaltar, tendo em vista que a cidade de Sousa-PB possui uma população residente de 65.803 habitantes, segundo dados do último censo (IBGE, 2010, s/p), que as taxas de homicídios dessa cidade vêm se tornando algo que requer uma reflexão. Contudo, para enfatizar ainda mais a presente pesquisa, observa-se o (Gráfico 06), onde nele é possível analisar os percentuais de homicídios em Sousa-PB entre os anos de 2014 a 2016.

**Gráfico 06.** Percentual de Homicídios em Sousa-PB entre 2014 a 2016.

**Fonte:** 19ª Delegacia Seccional de Polícia Civil – Sousa-PB. Núcleo de Homicídios e Entorpecentes. Secretária de Segurança Pública – SSP/PB. **Elaboração:** Luiz Barboza.

Ao apresentar o (**Gráfico 06**), analisa-se a distribuição proporcional em porcentagem, e assim percebe-se que 2015 concentrou (43%) a maior ocorrência de homicídios. Embora não se tenha respostas prontas a esse aumento no ano de 2015, já são dados que aumenta a problematização. Assim, nessa perspectiva, no (**Gráfico 07**), é interessante expor a evolução desses de homicídios distribuídos entre os meses do ano.

**Gráfico 07.** Evolução Homicídios em Sousa-PB, relação meses do ano. 2014 a 2016.

**Fonte:** 19ª Delegacia Seccional de Polícia Civil – Sousa-PB. Núcleo de Homicídios e Entorpecentes. Secretária de Segurança Pública – SSP/PB. **Elaboração:** Luiz Barboza

A evolução dos homicídios distribuídos no (**Gráfico 07**), mostra que os meses de janeiro de 2016, junho de 2014, setembro, outubro e dezembro de 2015, tem se mostrado

como meses onde o crime de homicídio é mais comum, pois analisa-se que tais meses se concentram férias, feriados e períodos festivos.

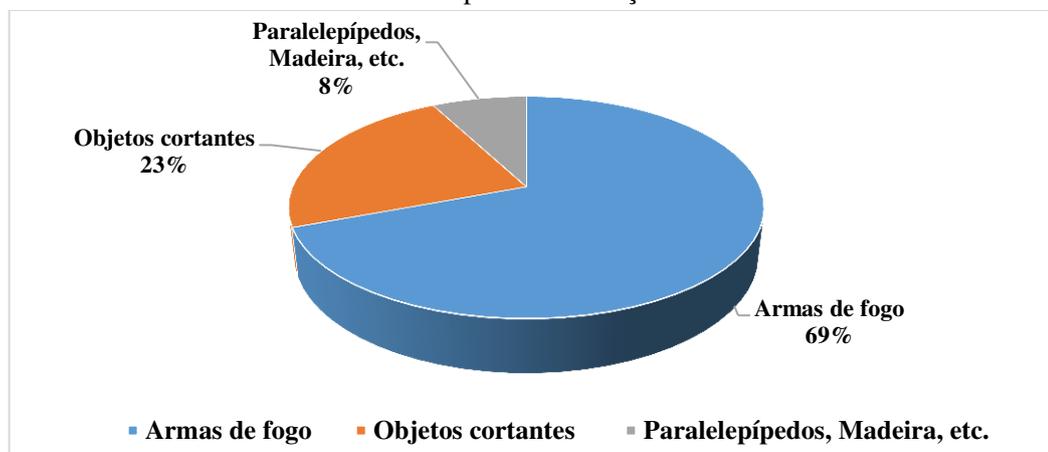
A exposição de tais números e taxas da evolução dos homicídios em Sousa-PB, se mostra importante para dar seguimento a caracterização desses homicídios na cidade, todavia, diante da pesquisa se faz necessário a reflexão dos perfis das vítimas para, por fim, analisar a existência de correlação com às condições de vulnerabilidade social. Tal reflexão seguirá no próximo e penúltimo item desta pesquisa.

### 3.2 Caracterização dos homicídios na cidade de Sousa-PB entre os anos de 2014 a 2016.

A caracterização dos homicídios é importante para apontar um possível perfil de vítimas, assim como mostrar o percentual de instrumentalização usada para a consumação desses crimes que aqui nesta pesquisa se apresenta como fenômeno social. As condições sociais desses indivíduos podem ser analisadas fazendo um parâmetro com todas as características dos crimes de homicídio.

Diante disso, as armas de fogo são os instrumentos mais comuns, para todos os anos da série estudada (2014 a 2016). Esse tipo de instrumento teve grande contribuição na consumação dos homicídios analisados (69%); contudo, segue em segundo lugar os objetos cortantes (facas, canivetes ou quaisquer outros objetos perfuro cortantes), representando 23%; já no terceiro e último estão objetos do tipo: paralelepípedos, pedaços de madeira, dentre outros, com 8%.

**Gráfico 08.** Instrumentos usados para consumação de homicídios. 2014 - 2016.

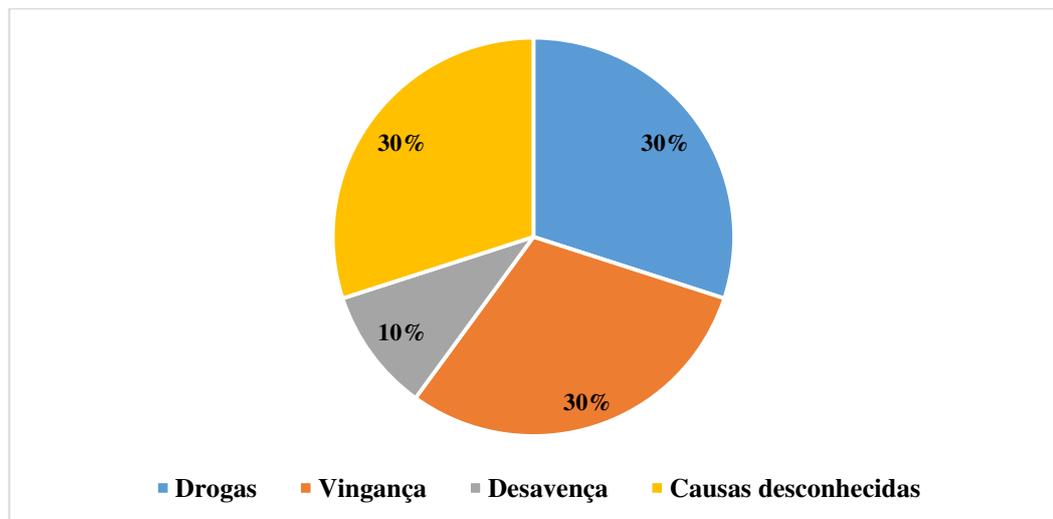


**Fonte:** 19ª Delegacia Seccional de Polícia Civil – Sousa-PB. Núcleo de Homicídios e Entorpecentes. Secretária de Segurança Pública – SSP/PB. **Elaboração:** Luiz Barboza.

Portanto, é plausível estabelecer que as armas de fogo são o principal instrumento utilizado para efetivação de homicídios na cidade de Sousa-PB, uma realidade que se estende por todo o país quando o assunto é homicídios, apesar do Brasil mantém uma legislação bastante rígida no controle de armas (Lei nº 10.826 – Estatuto do Desarmamento), porém, a ilegalidade é um peso bastante significativo na obtenção desse instrumento (WASELFISZ, 2016, p. 8-15).

Quando o assunto é a motivação pela prática de homicídio ocorridas na cidade de Sousa-PB entre os 2014 a 2016, pode-se perceber no **(Gráfico 09)**, onde nele é apresentado em porcentagens, que as principais motivações de homicídios, foram bastantes diversificadas, incluindo o envolvimento com drogas (tráfico); vinganças (provenientes de inimizades pessoais); desavenças (briga banal que termina em morte); e causas desconhecidas (quando o homicídio está sobre investigação policial).

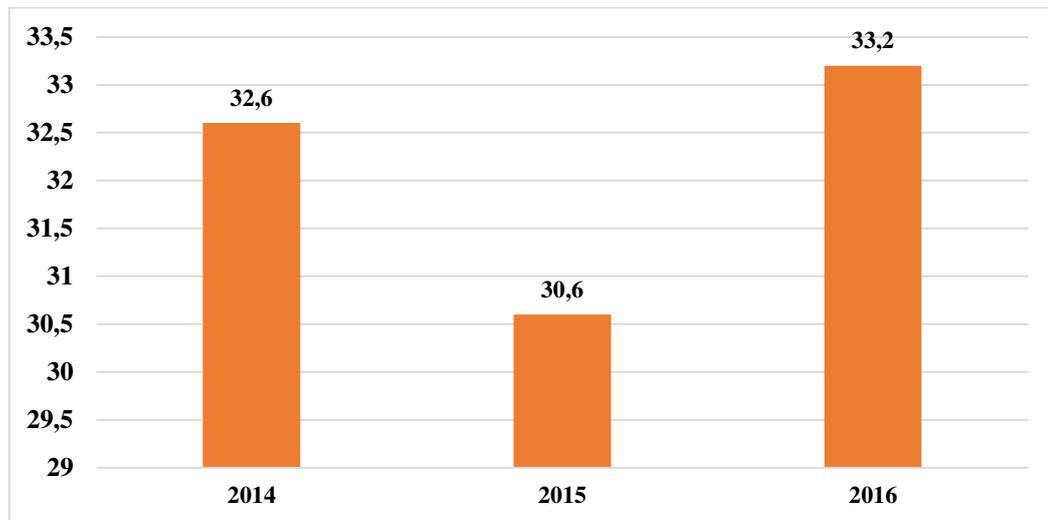
**Gráfico 09.** Motivação de Homicídios em Sousa-PB. 2014-2016.



**Fonte:** 19ª Delegacia Seccional de Polícia Civil – Sousa-PB. Núcleo de Homicídios e Entorpecentes. Secretária de Segurança Pública – SSP/PB. **Elaboração:** Luiz Barboza.

Já no **(Gráfico 10)**, enfatiza-se a média de idade das vítimas de homicídios em Sousa-PB, nele percebe-se que às vítimas apresentam uma média de idade baixa, ficando menor que os 33,2 anos, ou seja, menor que a metade de anos da expectativa de vida do brasileiro (73,5 anos) e menor ainda que a de Sousa (73,8 anos).

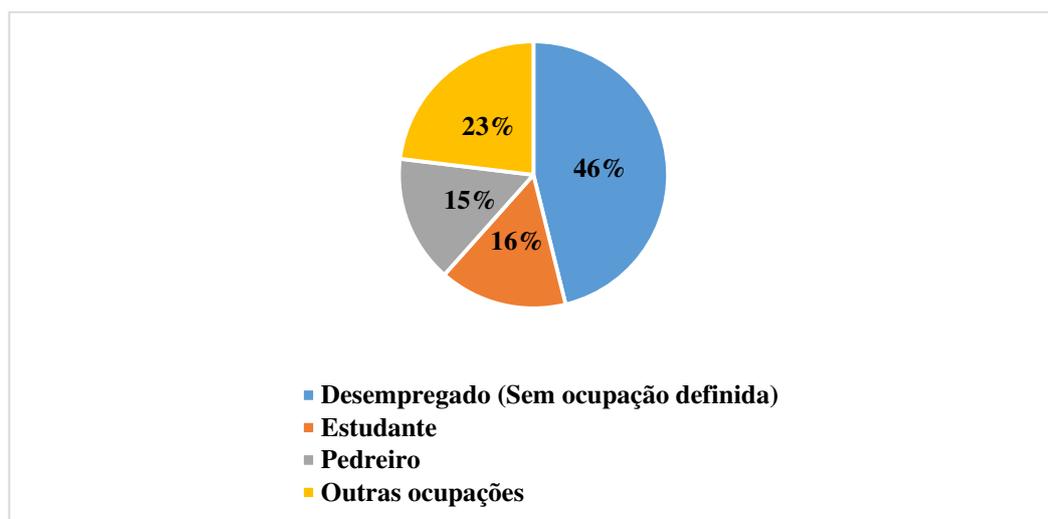
**Gráfico 10.** Média de idade das vítimas de homicídios em Sousa-PB. 2014 - 2016.



**Fonte:** 19ª Delegacia Seccional de Polícia Civil – Sousa-PB. Núcleo de Homicídios e Entorpecentes. Secretária de Segurança Pública – SSP/PB. **Elaboração:** Luiz Barboza.

Ao analisar a ocupação das vítimas de homicídios (**Gráfico 11**), nota-se que grande parcela das vítimas são de pessoas desempregadas, e que assim não possuem uma ocupação definida (46%). Chama atenção também que 15% das vítimas são estudantes, geralmente essa classe é composta por pessoas jovens, o que faz aumentar a preocupação com o recrudescimento de homicídios.

**Gráfico 11.** Ocupação das vítimas de homicídios em Sousa-PB. 2014 - 2016.

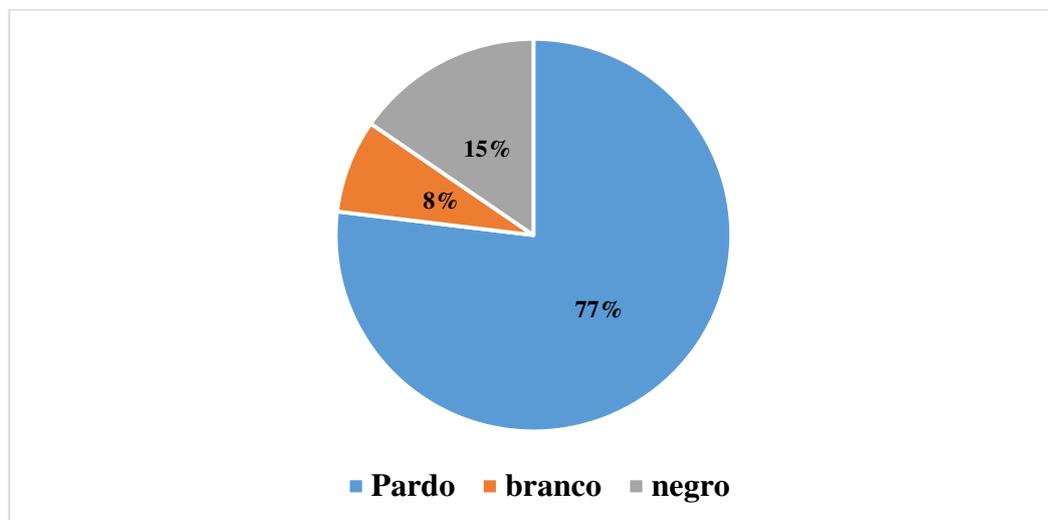


**Fonte:** 19ª Delegacia Seccional de Polícia Civil – Sousa-PB. Núcleo de Homicídios e Entorpecentes. Secretária de Segurança Pública – SSP/PB. **Elaboração:** Luiz Barboza.

Quanto a característica por sexo das vítimas de homicídios em Sousa-PB entre os anos de 2014 a 2016, verificou-se que todos foram do sexo masculino. Já no que diz respeito a cor da pele (**Gráfico 12**), constata-se que 92% das vítimas são pardas e negras, restando apenas 8% de população considerada branca. Em síntese, o perfil das vítimas de homicídios é do sexo masculino e majoritariamente de pele escura. Essa característica apurada na presente pesquisa, reafirma estudos que foram realizados sobre vítimas de homicídios no país. Nesse ponto de vista, de acordo com o Engel et al (2016, p. 36), no Diagnóstico dos homicídios no Brasil,

Os perfis de vulnerabilidade e vitimização no Brasil são bem característicos. Os negros (somatória de pretos e pardos, segundo o IBGE, Censo 2010) representam 50,7% da população do país e corresponderam a 72,0% das mortes, contra 26,0% de mortes de brancos e amarelos, num total de 50.715 mortes em 2013 com o campo raça/cor preenchidos. Os jovens com idade entre 15 e 29 anos estão no topo da pirâmide das mortes causadas por homicídio no país e o percentual de mortes dessa parcela da população chega a 52,9% do cômputo geral.

**Gráfico 12.** Percentual das vítimas de homicídios por cor da pele. 2014 - 2016.



**Fonte:** 19ª Delegacia Seccional de Polícia Civil – Sousa-PB. Núcleo de Homicídios e Entorpecentes. Secretária de Segurança Pública – SSP/PB. **Elaboração:** Luiz Barboza.

Diante dos dados e informações mostradas nas questões relacionadas às características das vítimas de homicídios, constata-se a importância desse levantamento, pois nele observa-se que pessoas expostas a tais características podem estar também suscetíveis a riscos e vulnerabilidades e que podem de alguma maneira serem vítimas em potencial.

Essa diversificação em todas as características das vítimas de homicídios mostra um pouco da complexidade que a problemática se reveste, não podendo analisá-la de forma rasa, pois trata-se de um problema multidimensional para qualquer apreciação científica e para

intervenção prática. As análises e constatações feitas serviu para unir informações, dados e comprovações. Todavia, segue-se ao último item a ser trabalhado nessa pesquisa geográfica, qual seja, Territórios vulneráveis a homicídios na cidade de Sousa-PB: dinâmica de um problema complexo. A este completou-se a referida pesquisa.

### 3.3 Territórios vulneráveis a homicídios na cidade de Sousa-PB: dinâmica de um problema complexo.

A pesquisa construída buscou conhecer/apontar os territórios vulneráveis a homicídios na cidade de Sousa-PB, onde nessa propõe-se uma investigação através de dados de homicídios (19ª Delegacia Seccional de Polícia Civil – Sousa-PB), indicadores e variáveis do censo demográfico. (IBGE, 2010 s/p). Para isso, elaborou-se a (**Quadro 02**), onde nela mostra como foi possível desenhar o caminho da pesquisa, com os indicadores e variáveis.

**QUADRO 02.** Indicadores e variáveis para analisar a vulnerabilidade social.

INDICADORES	VARIÁVEIS
Demografia	Densidade demográfica por setor censitário hab/km <sup>2</sup> .
Domicílios	Domicílios particulares permanentes ou pessoas responsáveis por domicílios particulares permanentes.
Saneamento	Domicílios com abastecimento de água.
	Domicílios com coleta de lixo.
Renda	Total do rendimento nominal mensal das pessoas responsáveis com rendimento nominal mensal de até 1 salário mínimo.
	Total do rendimento nominal mensal das pessoas responsáveis com rendimento nominal mensal de mais de 5 salários mínimos.

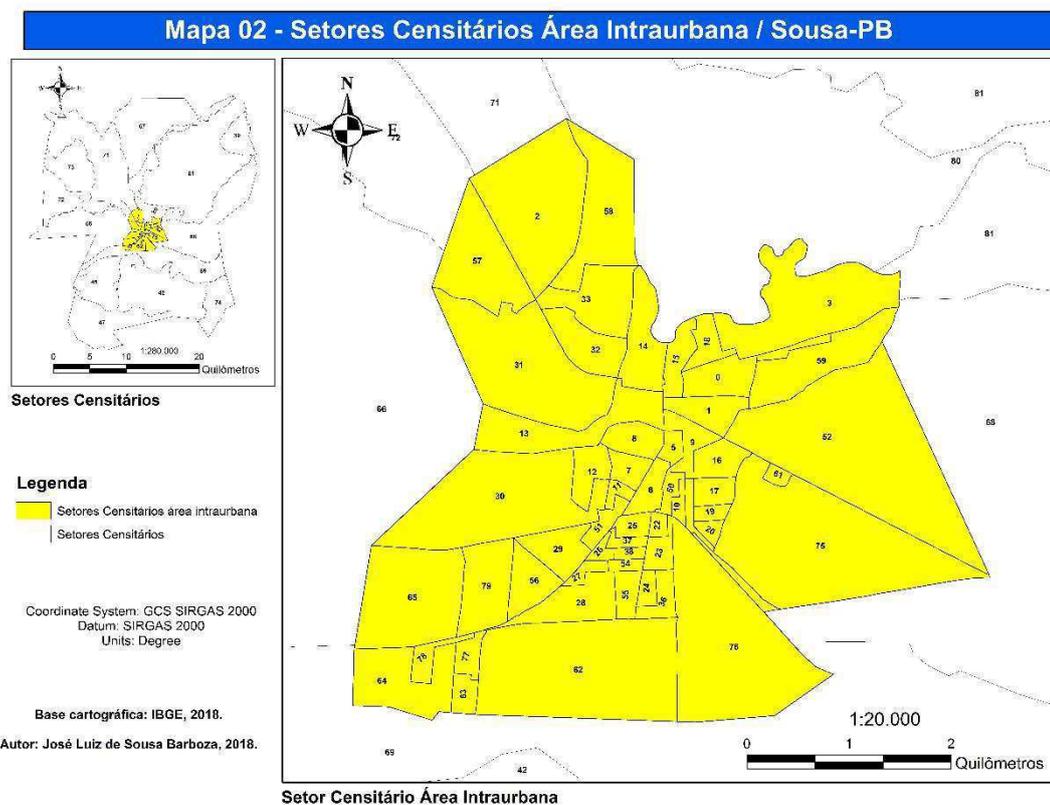
**Fonte:** IBGE, 2010. **Elaboração:** Luiz Barboza.

Observando essas dimensões inseridas nos indicadores e variáveis foi possível analisar as condições sociais das populações dos setores censitários e buscar/perceber a existência de correlação com territórios vulneráveis socialmente e homicídios. Nisso, pensou-se numa diferenciação de análises que quantifiquem a abrangência do aspecto vulnerável, e que assim se distanciasse da ideia de pobreza, tal como enfatiza Cançado, et al (2014, p. 3) quando diz que:

É necessário pensar indicadores gerais que considerem as variáveis quantitativas e qualitativas da vulnerabilidade capazes de medir a intensidade e dimensão dos grupos vulneráveis. Dados censitários possibilitam a quantificação de capital físico e humano, no entanto, não nos permite apreender o capital social, que é de fundamental importância para diferenciar a vulnerabilidade entre situações semelhantes de pobreza.

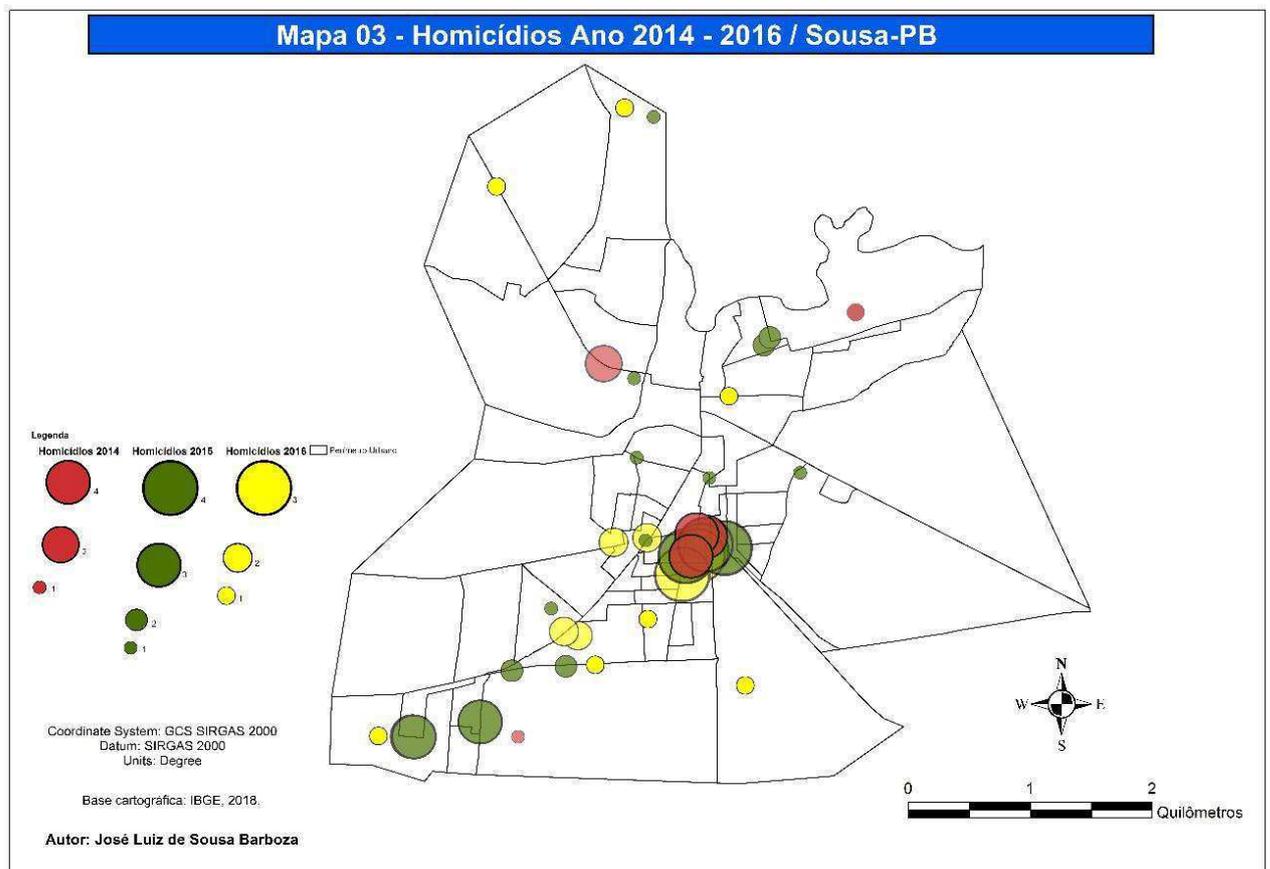
A autora supracitada deixa clara a noção de complexidade da vulnerabilidade e diante disso evidencia a ideia que será apropriada nessa pesquisa. Outrossim, ao destacar essas dimensões a que foram elaboradas, projetou-se expor a vulnerabilidade social de um território, que a aqui será o setor censitário<sup>11</sup>. Todavia, a investigação feita através da pesquisa seria em sua totalidade a identificação desses territórios vulneráveis ao crime de homicídio, com base na (**Quadro 02**), e suas dimensões expostas.

Analisado no decorrer desta pesquisa, os setores censitários se mostraram um recorte territorial importante para trabalhar os dados na escala intraurbana. Como Sousa não conta com uma divisão organizada de seu espaço urbano em bairros, preferiu-se trabalhar com os setores censitários do IBGE 2010, como visto no (**Mapa 02**), onde nele é possível visualizar todos os setores censitários, mas destacando a área intraurbana.



<sup>11</sup> O setor censitário é a menor unidade territorial, formada por área contínua, integralmente contida em área urbana ou rural, com dimensão adequada à operação de pesquisas e cujo conjunto esgota a totalidade do Território Nacional, o que permite assegurar a plena cobertura do País. (IBGE, 2011, s/p).

Contudo, o município de Sousa-PB possui em sua totalidade uma dimensão de 81 setores censitários (Urbano/Rural), desses 57 são setores urbanos que compreendem apenas o território intraurbano da cidade de Sousa-PB. Assim, na perspectiva da análise, usando o setor censitário como território a ser explorado, pode-se a esse momento partir para o uso da localização dos crimes de homicídios, estes mapeados pelo aplicativo C7 GPS dados. A série temporal em que foi realizada a pesquisa consistiu nos anos de 2014 a 2016. Assim, inserindo os dados de todos os homicídios nos setores censitários, obteve-se o mapeamento, com isso gerou-se o (**Mapa 03**), onde nele observa-se a totalidade de homicídios no território intraurbano da cidade de Sousa-PB (2014-2016).



**Fonte:** SIRGAS, 2000. **Elaboração:** Luiz Barboza (2018).

O mapeamento do crime de homicídio foi importante para o delineamento da pesquisa, pois a visão da espacialização do homicídio no território facilitou visualizar o fenômeno e sua distribuição, assim como sua evolução e deslocamento para outros setores do território intraurbano da cidade de Sousa-PB. Vale salientar que os homicídios expostos (Vide **Mapa 03**), compreendem apenas aqueles homicídios ocorridos no território intraurbano de

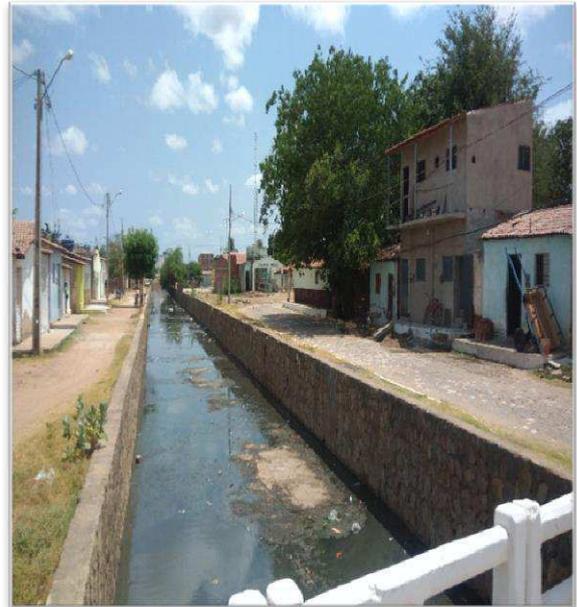
Sousa-PB. Nessa perspectiva tem-se 8 homicídios para o ano de 2014; 17 e 14 para os anos de 2015 e 2016, respectivamente. Assim, é importante e pertinente frisar que o território que compreende a área rural do município de Sousa-PB, teve para os anos de 2014 a 2016; uma quantidade de homicídios na ordem de 5, 6 e 4, respectivamente.

Como já foi exposto que o território é um espaço delimitado e organizado por relações de poder, observa-se que o homicídio pode manter uma relação de territorialidade com o espaço urbano de uma cidade, pois este se espacializa em territórios intraurbanos específicos da cidade. O território intraurbano da cidade traz consigo características que podem revelar as desigualdades nas paisagens, nessa concepção as (**Imagens 01 e 02**), mostram dois contrastes para cidade de Sousa-PB.

**Imagem 01.** Bairro do Gato Preto – Sousa-PB.



**Imagem 02.** Bairro Frei Damião-Sousa-PB.



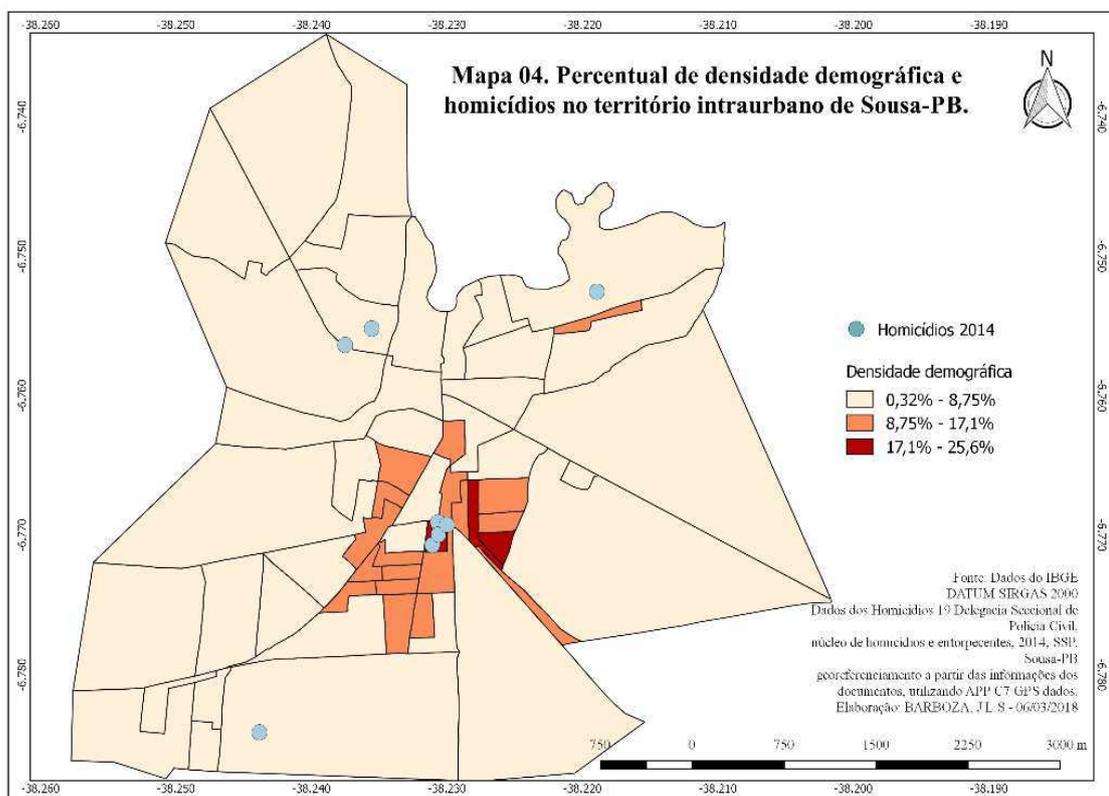
**Fonte:** José Luiz de Sousa Barboza, 2018.

As desigualdades sociais nas paisagens da cidade de Sousa-PB são visíveis. Todavia, ao analisar bairros distintos, vê-se imagens que dispõem de uma boa infraestrutura de moradias, e uma outra baseada na autoconstrução, em situação de dificuldades sanitárias etc. Nessas imagens constata-se as moradias dos grupos dos indivíduos de maior poder aquisitivo; e as moradias de indivíduos que fazem parte dos grupos mais pobres, os excluídos. Das imagens das paisagens ao território intraurbano idealizou-se a elaboração de mapas que através do programa QGIS 2.14 (geoprocessamento), foi importante para se dimensionar os resultados da pesquisa, onde neles se pôde observar cada território comparando o homicídio a

partir de: percentual de densidade demográfica, percentual de domicílios particulares, percentual de domicílios com abastecimento de água, percentual de domicílios com coleta de lixo, percentual de pessoas com rendimentos de 1 a 2 salários e percentual de pessoas com rendimento de 5 a 10 salários. Todos esses como já indicado em comparativo com o crime de homicídio.

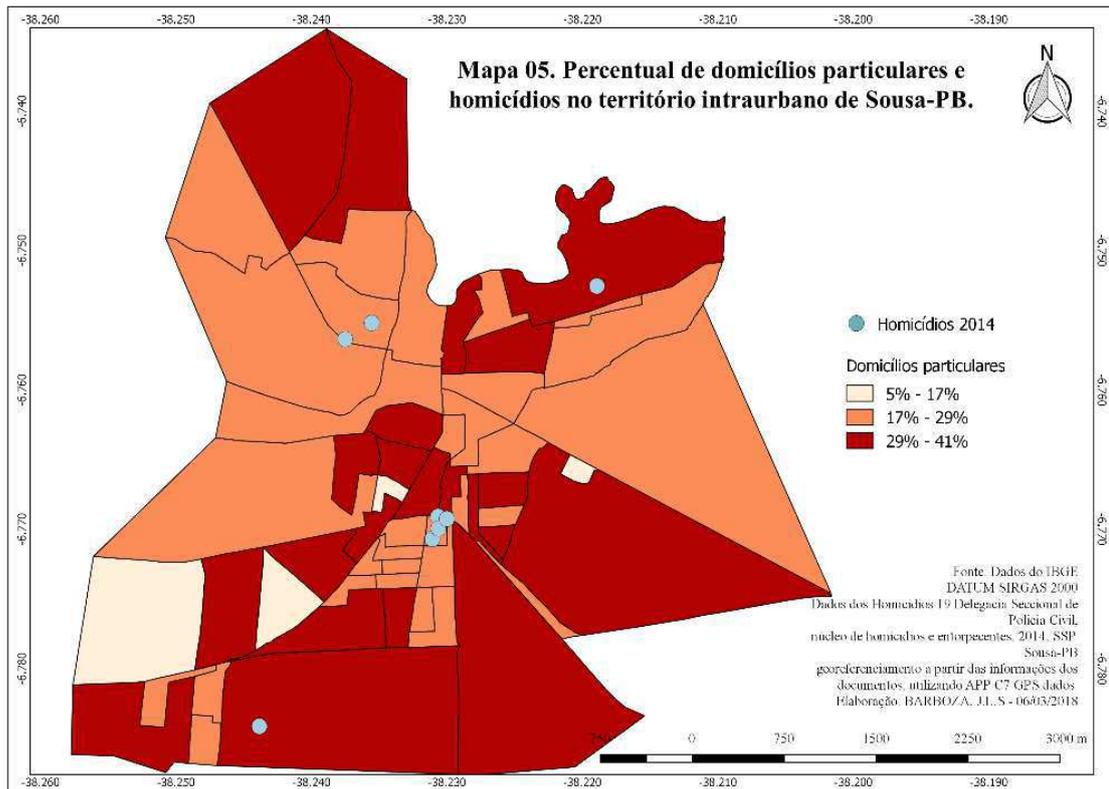
A pesquisa trabalhada partiu da perspectiva de uma série temporal que compreendeu os anos de 2014 a 2016, a esta série comparou-se as informações referentes aos dados dos setores censitários do censo demográfico do ano de 2010 (IBGE). Diante disso, construiu-se um grande número de mapas – ao todo 24 mapas –, onde neles mostrou-se os territórios vulneráveis a homicídios na cidade de Sousa-PB, de acordo com indicadores e variáveis elaboradas (Vide **Quadro 02**), Estes indicadores e variáveis foram os dados usados para verificar a vulnerabilidade dos territórios ao homicídio, a partir da pesquisa.

Vale salientar que a vulnerabilidade do território ao homicídio aqui referida foi feita através de elaboração própria. Assim, a esse momento analisa-se cada um deles com suas referidas informações e dados. A começar pelo (**Mapa 04**), onde observa-se o percentual de densidade demográfica e homicídios no território intraurbano de Sousa-PB para o ano de 2014.



**Fonte:** SIRGAS, 2000. **Elaboração:** Luiz Barboza (2018).

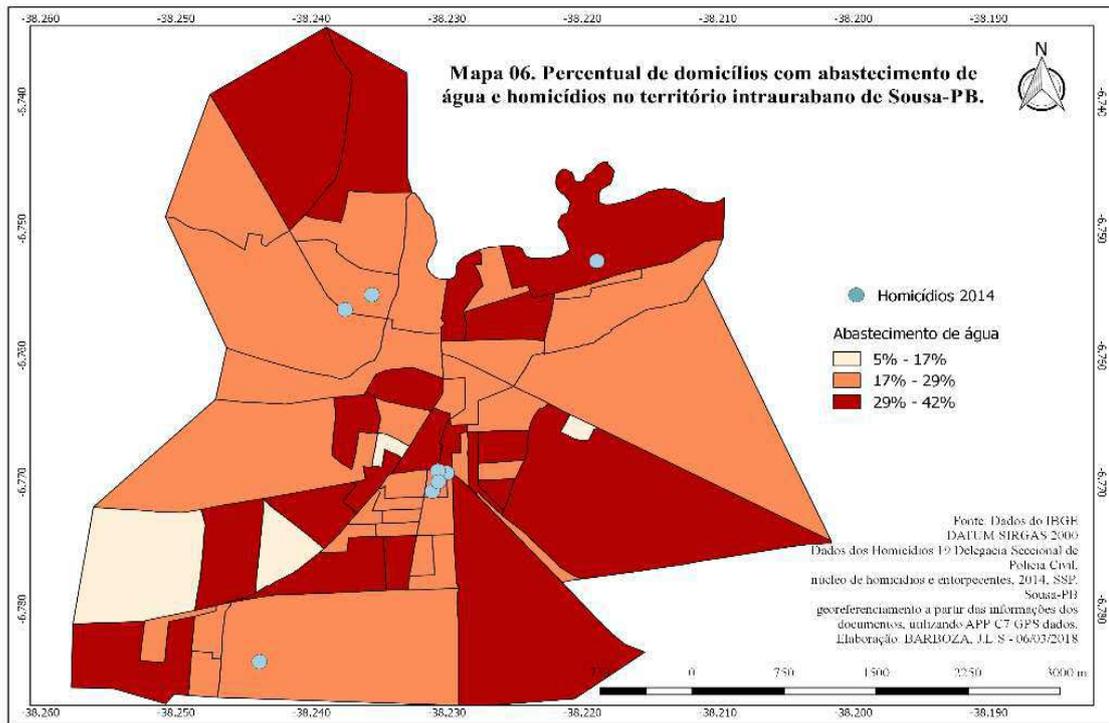
Nessa representação cartográfica (Vide **Mapa 04**), constata-se a existência de um percentual de densidade demográfica que se concentra ao centro, enquanto que os homicídios se inserem em um setor censitário que possui uma considerável densidade demográfica. Para o mesmo ano (2014), tem-se a analisar o (**Mapa 05**), onde nele observa-se o percentual de domicílios particulares e homicídios no território intraurbano de Sousa-PB.



**Fonte:** SIRGAS, 2000. **Elaboração:** Luiz Barboza (2018).

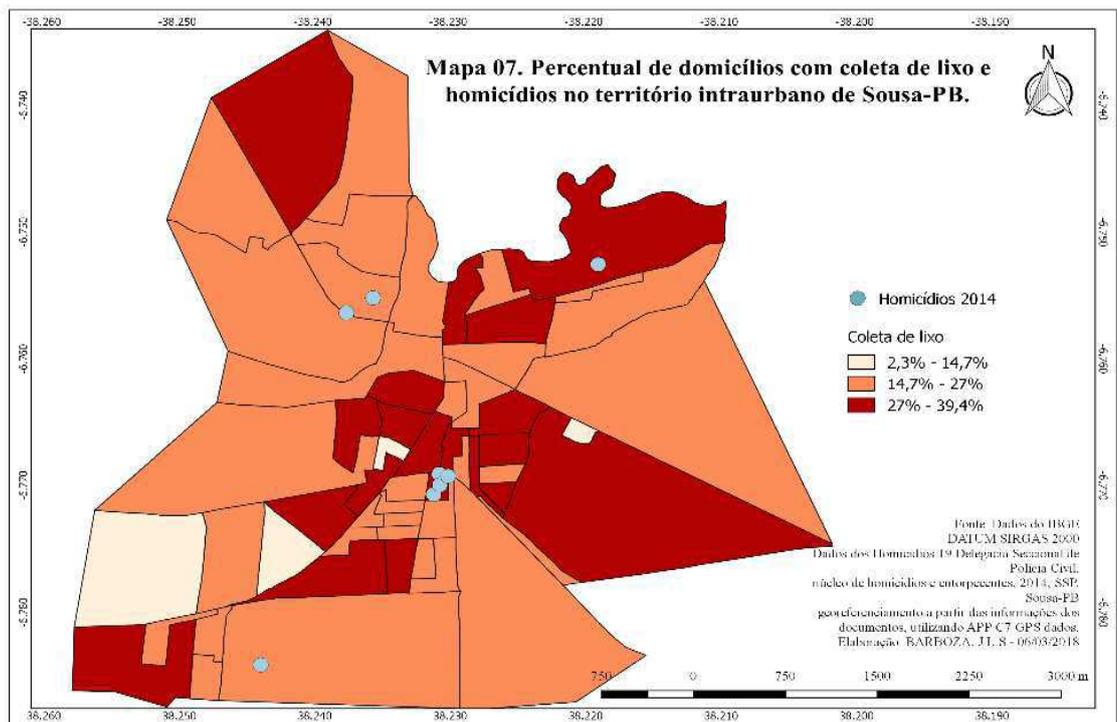
A essa representação cartográfica (Vide **Mapa 05**), foi possível constatar que há uma quantidade parcialmente igualitária no percentual de domicílios particulares em relação ao homicídio. Assim, vale frisar que estes apenas representam os domicílios em sua totalidade. Portanto, existe alguns setores censitários em que este percentual se mostra em menor quantidade e inexistem os homicídios nesses territórios.

Adiante, observa-se o (**Mapa 06**), nele constata-se o percentual de domicílios com abastecimento de água. Diante disso, tem-se algo semelhante a representação anterior (Vide **Mapa 05**), os homicídios se concentram em sua maioria em setores censitários com percentuais medianos.



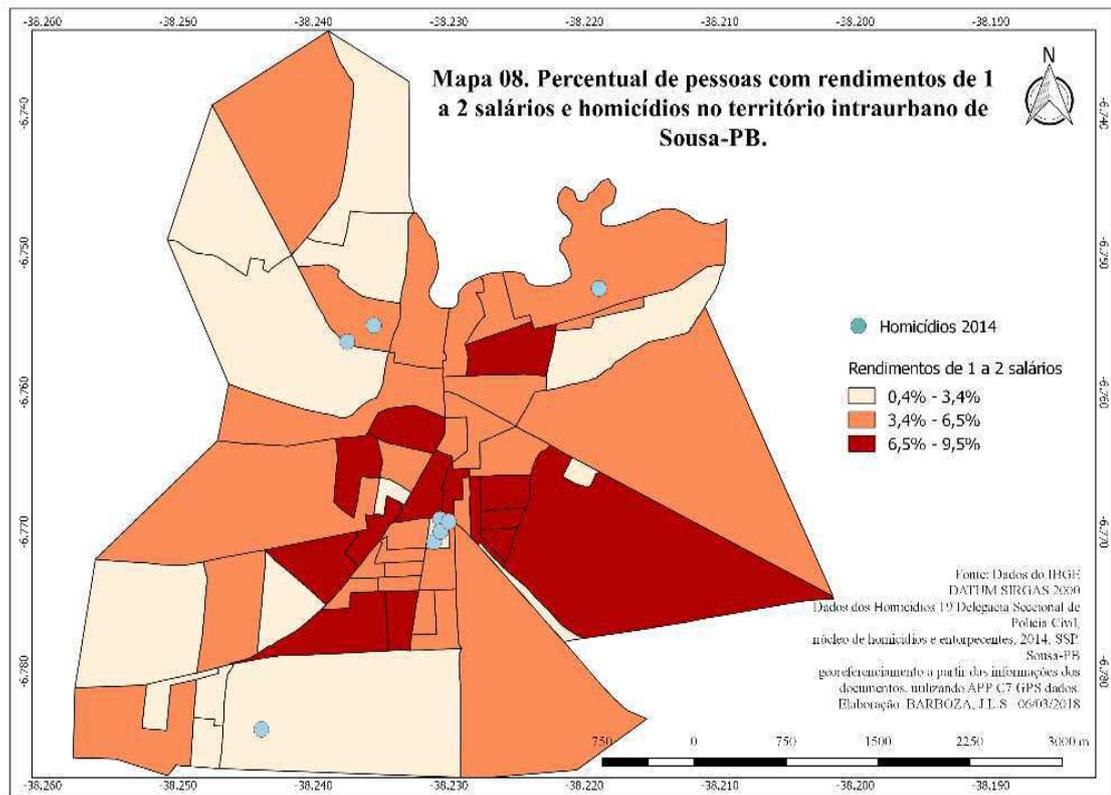
Fonte: SIRGAS, 2000. Elaboração: Luiz Barboza (2018).

No (mapa 07), observa-se o percentual de domicílios com coleta de lixo e local de ocorrência de homicídios.



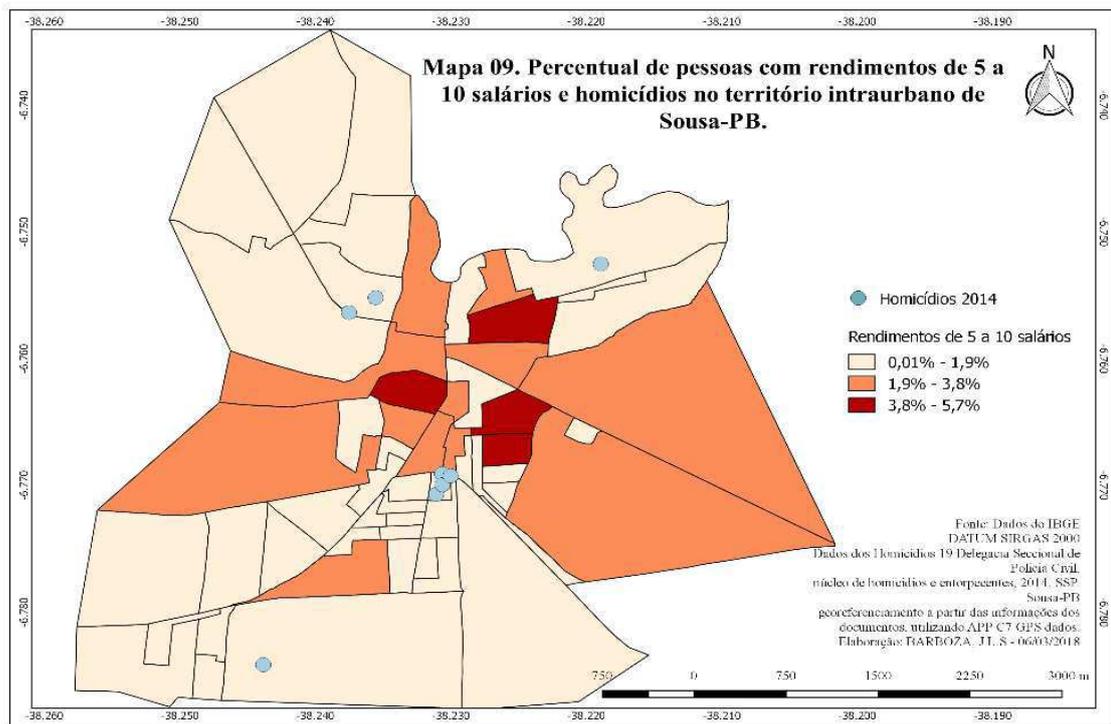
Fonte: SIRGAS, 2000. Elaboração: Luiz Barboza (2018).

Nessa representação cartográfica (Vide **Mapa 07**) constata-se que há uma quantidade de homicídios considerável nos setores censitários em que esse percentual se mostra mais elevado. Já no (**Mapa 08**), observa-se o percentual de pessoas com rendimentos de 1 a 2 salários em relação aos homicídios.



**Fonte:** SIRGAS, 2000. **Elaboração:** Luiz Barboza (2018).

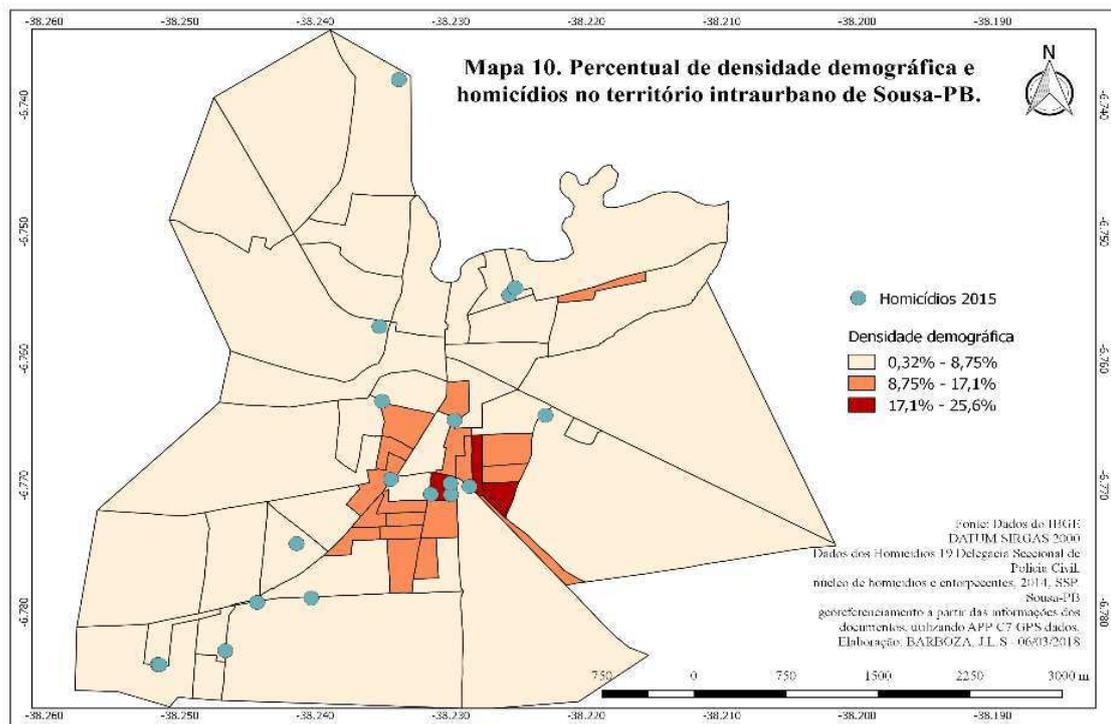
Todavia, nessa representação cartográfica (Vide **Mapa 8**) é possível ver que os setores censitários onde os percentuais de rendimentos são mais baixos – os setores em partes mais claras –, constata-se mais ocorrência de homicídios para o ano de 2014. Para que fique claro os dados referentes aos rendimentos baseiam-se no salário mínimo para ano de 2010. Assim, nessa perspectiva, observa-se o (**Mapa 09**), onde nele é possível ver os percentuais de pessoas com rendimentos de 5 a 10 salários mínimos e homicídios.



**Fonte:** SIRGAS, 2000. **Elaboração:** Luiz Barboza (2018).

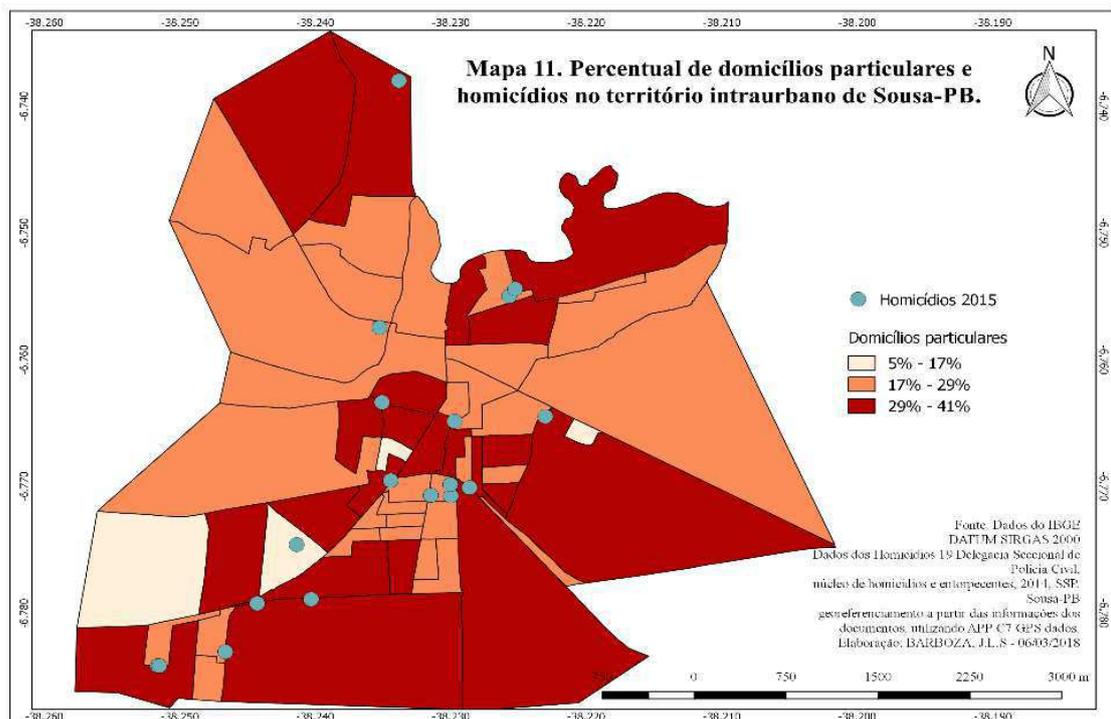
Nessa representação cartográfica constata-se algo semelhante (Vide **Mapa 08**), onde nele mostra que setores censitários com baixo percentual de rendimento ocorre uma maior quantidade de homicídios (2014). A análise se faz em relação aos rendimentos e homicídios vai de encontro no que foi observado anteriormente (Vide **Gráfico 11**), onde a maioria das vítimas desses homicídios está desempregado e não possui trabalhos que lhes proporcione uma renda relativamente estável.

Assim, concluindo a análise que compreende o ano de 2014, parte-se para o ano de 2015, onde neste pode-se observar o (**Mapa 10**), neste o percentual de densidade demográfica e homicídios. Um pouco diferente do foi constatado anteriormente (Vide **Mapa 04**), nessa representação cartográfica (Vide **Mapa 10**), observa-se um maior número de homicídios. Dessa forma, distribuídos, estes podem ser vistos em setores censitários com percentual de menor densidade demográfica.



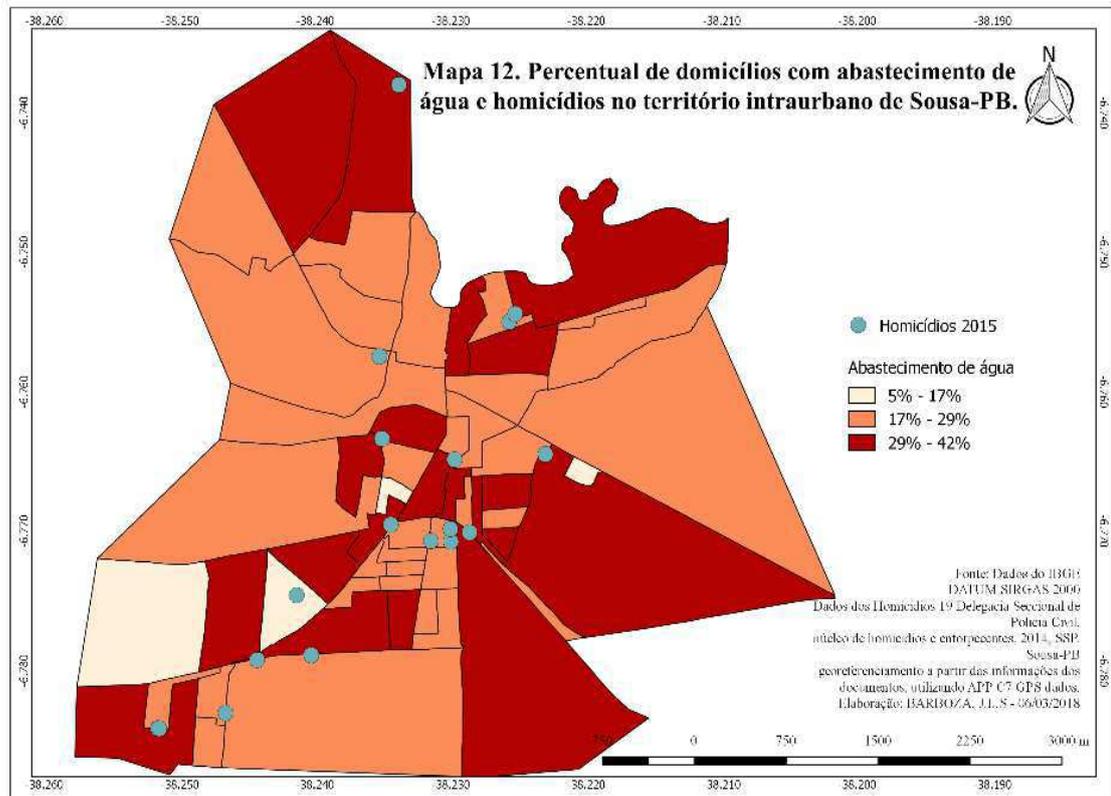
Fonte: SIRGAS, 2000. Elaboração: Luiz Barboza (2018).

Assim, para o (Mapa 11), tem-se o percentual de domicílios particulares e homicídios. Diante dessa representação cartográfica (vide Mapa 11), constata-se que o maior percentual de domicílios aponta para um número também maior de homicídios.



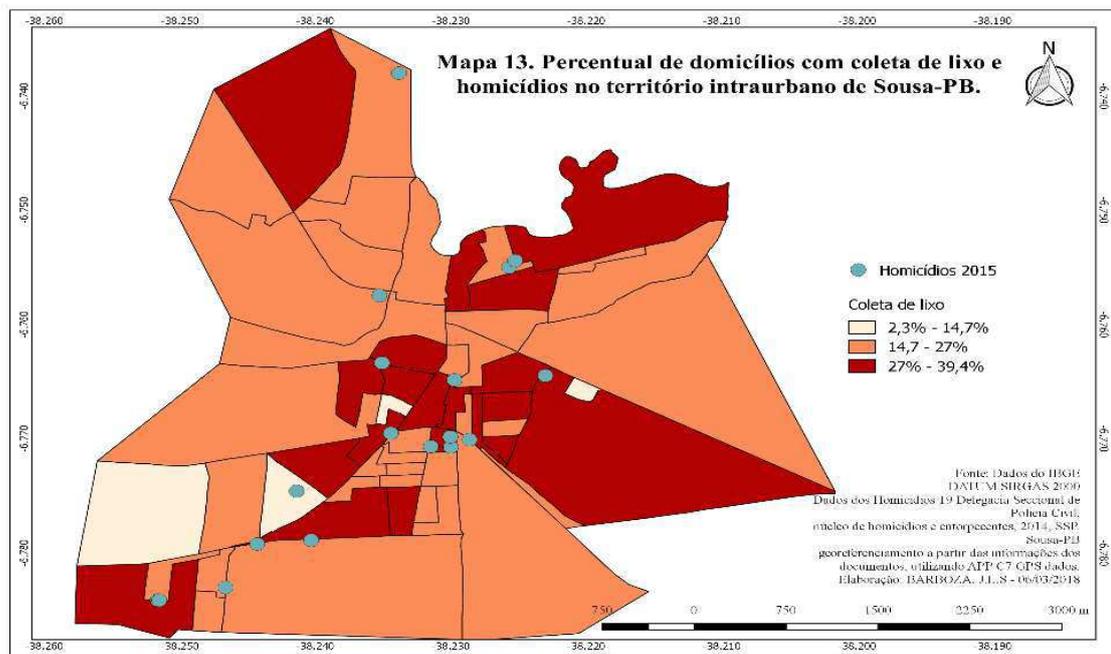
Fonte: SIRGAS, 2000. Elaboração: Luiz Barboza (2018).

No (**Mapa 12**), onde nele é possível observar o percentual de domicílios com abastecimento de água e homicídios, constata-se o homicídio em maior número sobre o percentual de domicílios com abastecimento de água em baixa concentração.



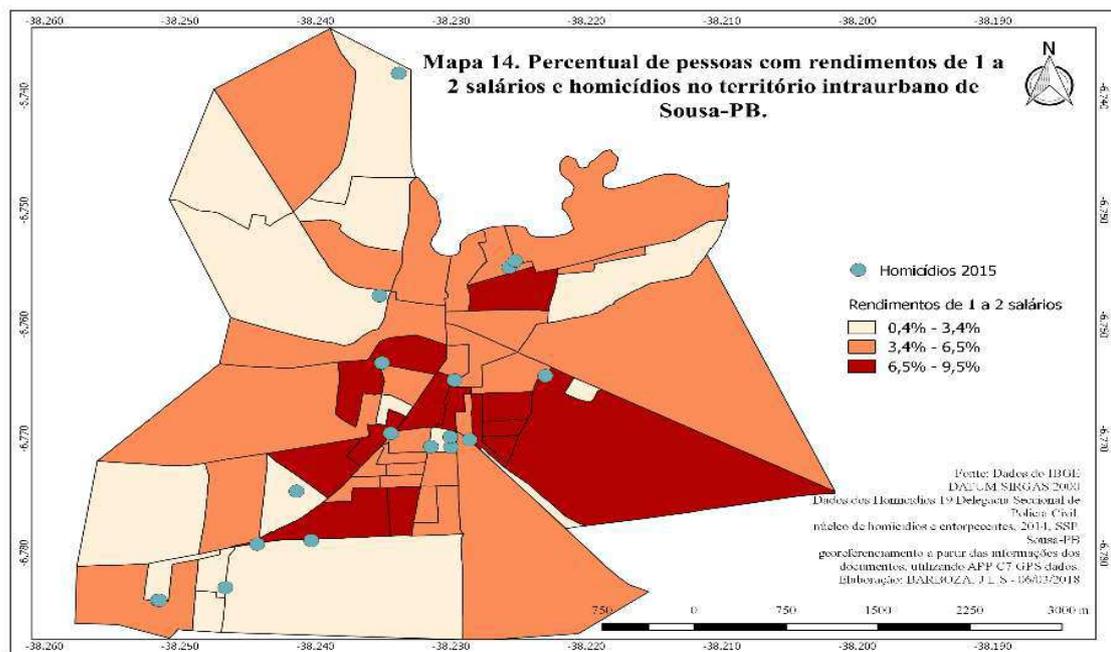
**Fonte:** SIRGAS, 2000. **Elaboração:** Luiz Barboza (2018).

No (**Mapa 13**), é possível observar o percentual de domicílio com coleta de lixo e homicídios, observando-se que o percentual de domicílios com coleta de lixo mais baixa concentra mais homicídios nos setores censitários em análise.



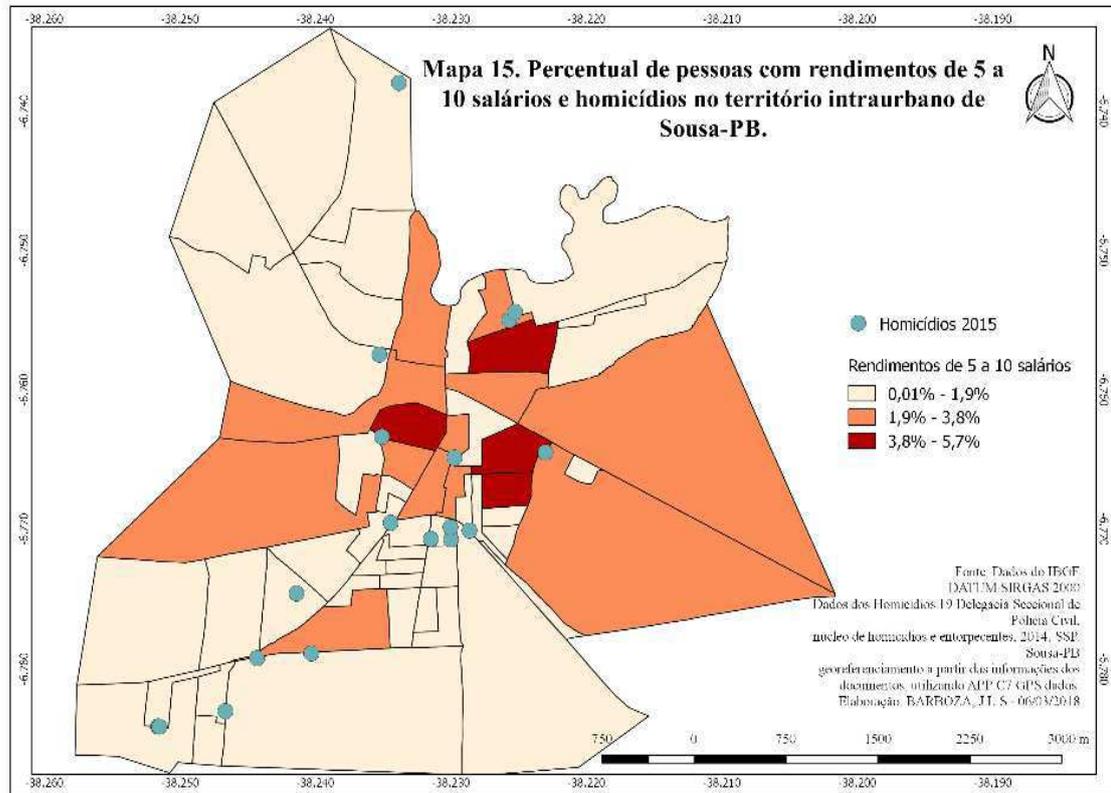
Fonte: SIRGAS, 2000. Elaboração: Luiz Barboza (2018).

Para o (Mapa 14), observa-se o percentual de pessoas com rendimentos de 1 a 2 salários e homicídios, semelhante ao que foi observado anteriormente (Vide Mapa 09), constata-se para essa representação cartográfica que o percentual de rendimento mais baixo vai se concentrar mais homicídios (Vide Gráfico 11).



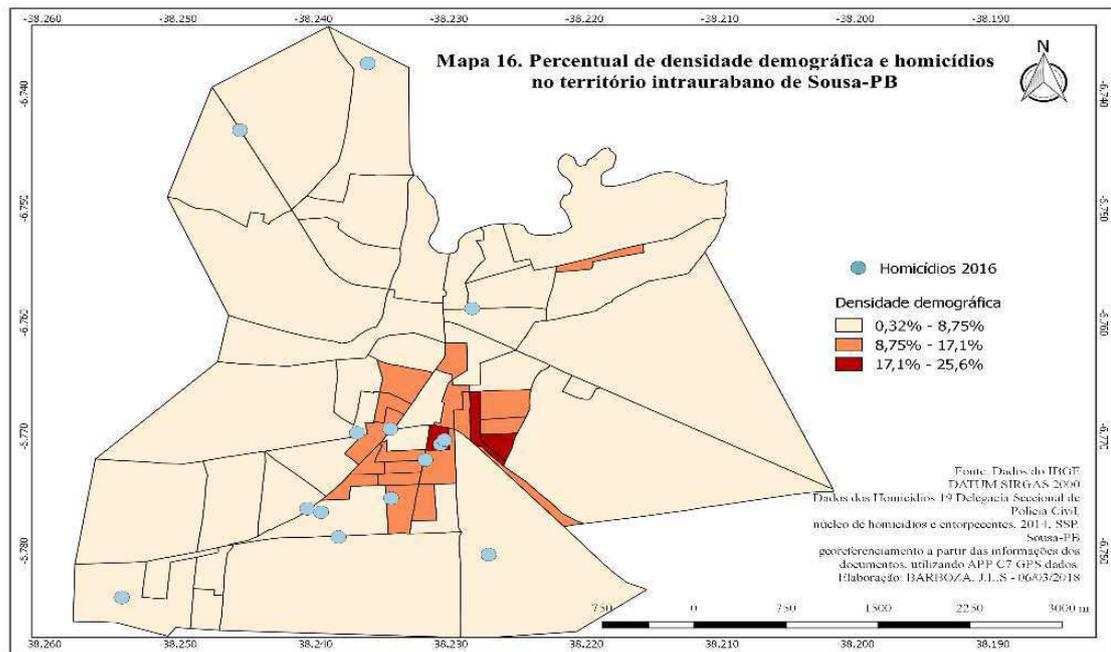
Fonte: SIRGAS, 2000. Elaboração: Luiz Barboza (2018).

Sobre esse ponto de vista, no **Mapa 15**, observa-se o percentual de pessoas com rendimentos de 5 a 10 salários e homicídios.



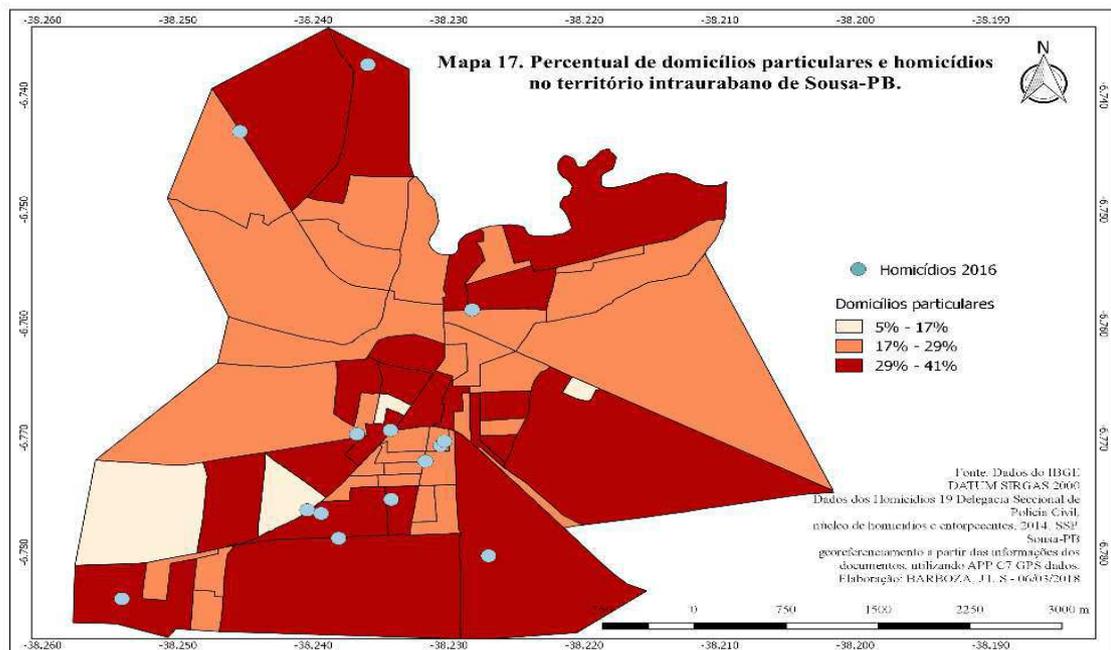
**Fonte:** SIRGAS, 2000. **Elaboração:** Luiz Barboza (2018).

Mostra-se o que foi visto anteriormente (Vide **Mapas 08, 09 e 14**), onde nestes observou-se que o percentual de pessoas com rendimento de 5 a 10 concentra, no percentual mais baixo, o maior número de homicídios. Para o ano de 2016, último ano da série dessa pesquisa, segue-se o mesmo, portanto, observa-se o (**Mapa 16**), neste o percentual de densidade demográfica e homicídios, é evidenciada quando se observa que o percentual de densidade demográfica mais baixo concentra mais homicídios.



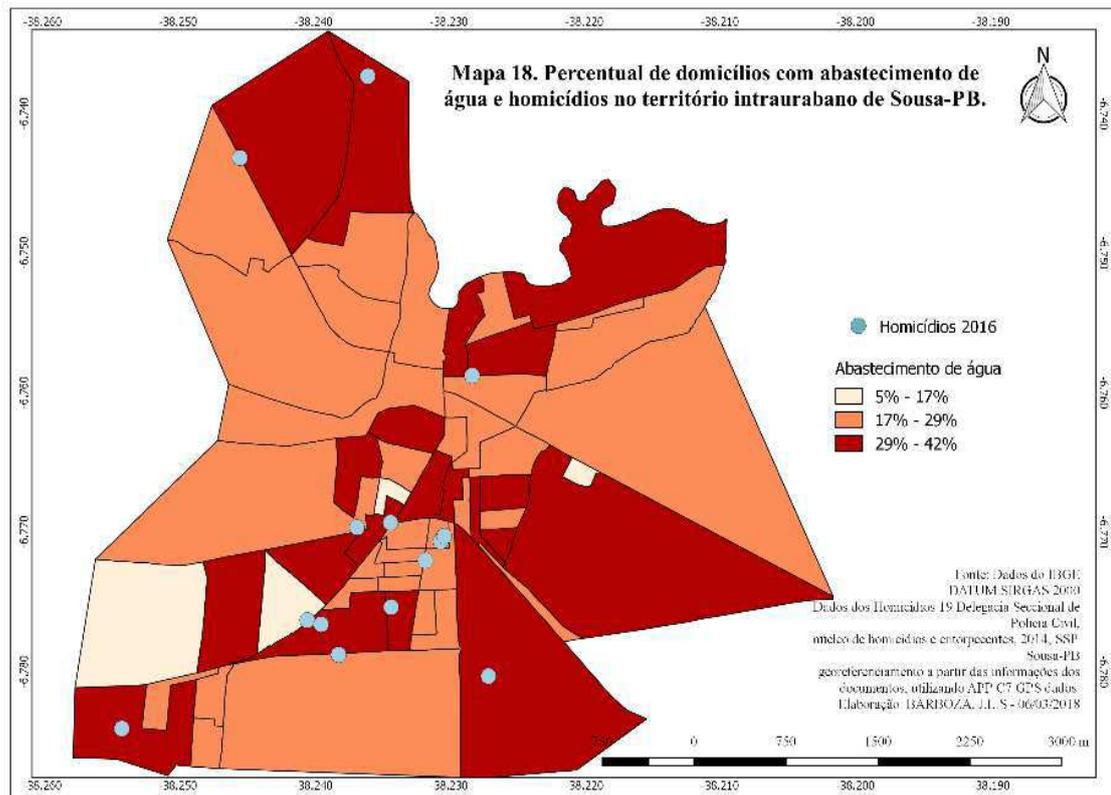
Fonte: SIRGAS, 2000. Elaboração: Luiz Barboza (2018).

No **Mapa 17**, tem-se o percentual de domicílios particulares e homicídios, onde se constata que o percentual maior de domicílios particulares tem a maior quantidade de homicídios.



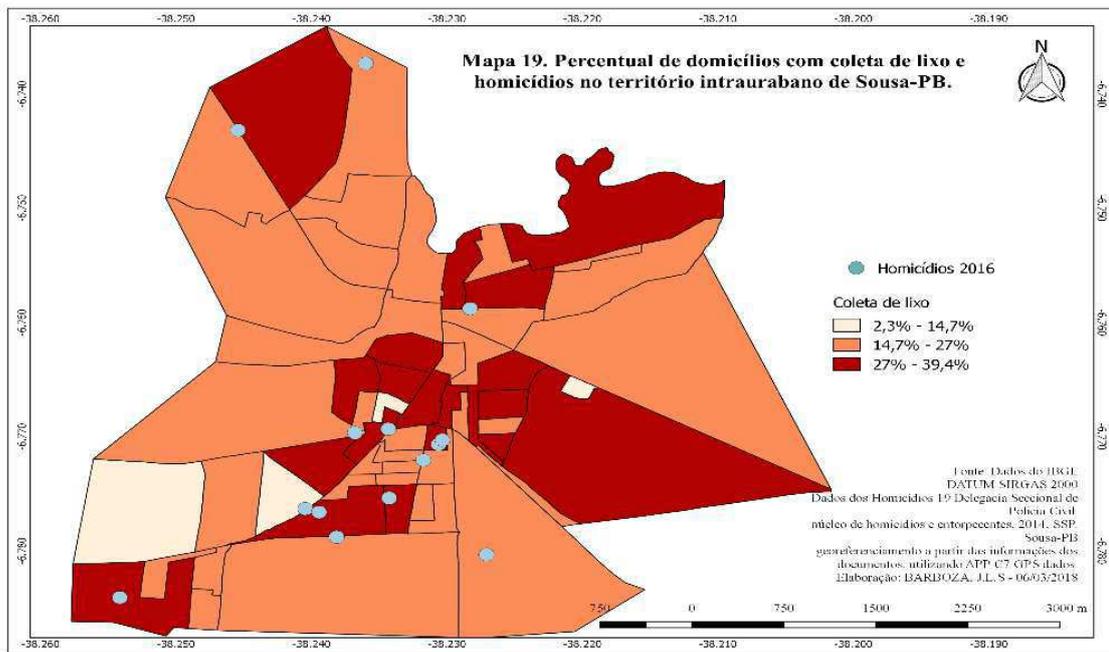
Fonte: SIRGAS, 2000. Elaboração: Luiz Barboza (2018).

No (**Mapa 18**), observa-se o percentual de domicílios e abastecimento de água e homicídios, verificando-se que o percentual mais baixo de domicílios com abastecimento de água concentra a maior quantidade de homicídios, assim semelhante ao que foi mostrado anteriormente (Vide **Mapas 06 e 12**).



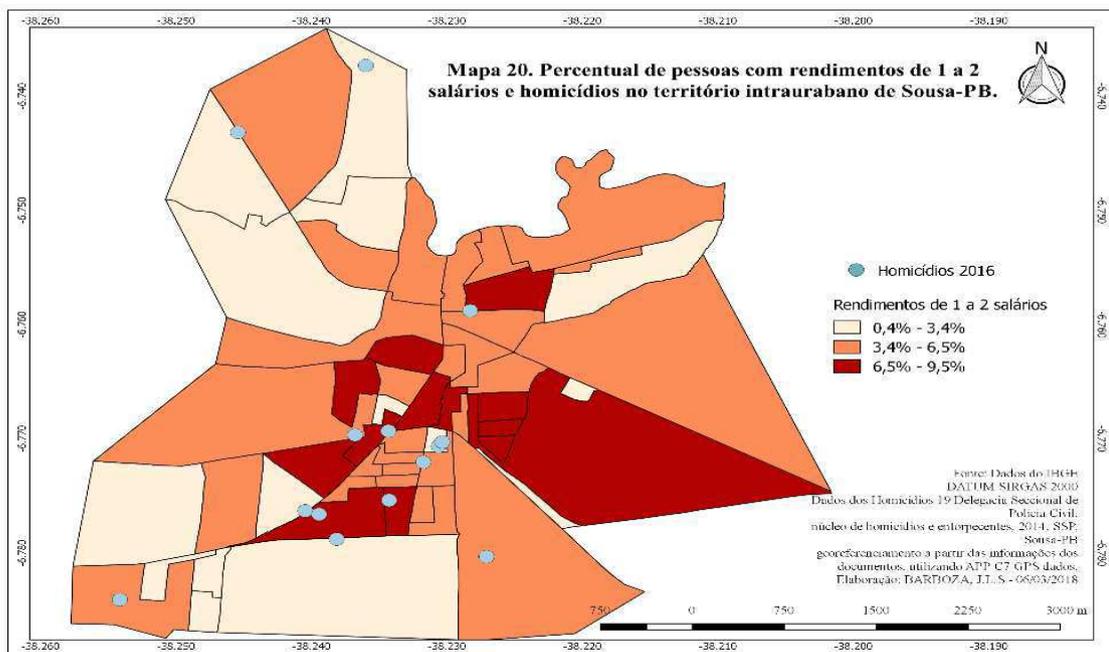
**Fonte:** SIRGAS, 2000. **Elaboração:** Luiz Barboza (2018).

O (**Mapa 19**), mostra o percentual de domicílios com coleta de lixo, nele observa-se uma variabilidade, pois tem-se a isso homicídios proporcionalmente em muitos setores censitários, para tanto, mostrando-se em menor quantidade para o percentual mais baixo.



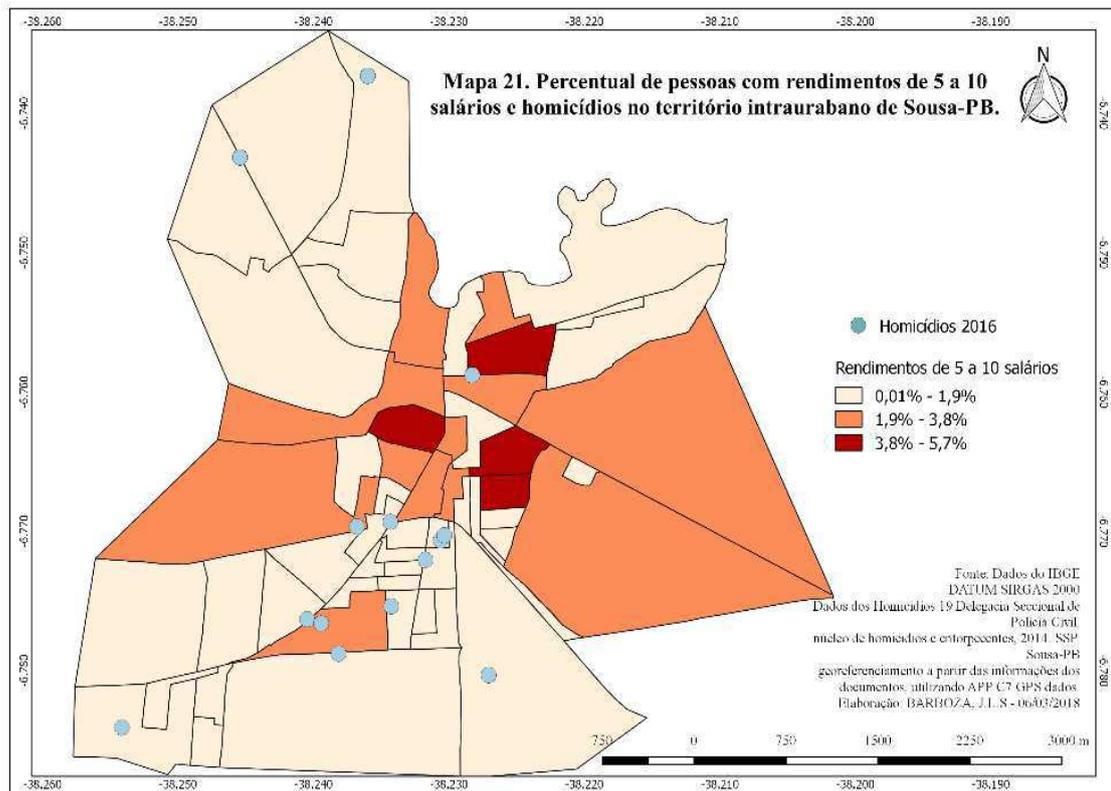
Fonte: SIRGAS, 2000. Elaboração: Luiz Barboza (2018).

Em outro ponto de vista, no (Mapa 20), é possível observar o percentual de pessoas com rendimento de 1 a 2 salários e homicídios (2016). A essa representação cartográfica mostra-se que alguns setores censitários o percentual de menor quantidade, concentra mais homicídios. (Vide Gráfico 11).



Fonte: SIRGAS, 2000. Elaboração: Luiz Barboza (2018).

Para o **(Mapa 21)**, observa-se o percentual de pessoas com rendimento de 5 a 10 salários e sua relação com os homicídios, última análise da série que compreende os anos de 2014 a 2016, com base nos indicadores e variáveis (Vide **Quadro 02**), a isso observa-se claramente que os setores censitários onde o percentual de rendimento é mais baixo, coincidem com a concentração do crime de homicídio. (Vide **Gráfico 11**).



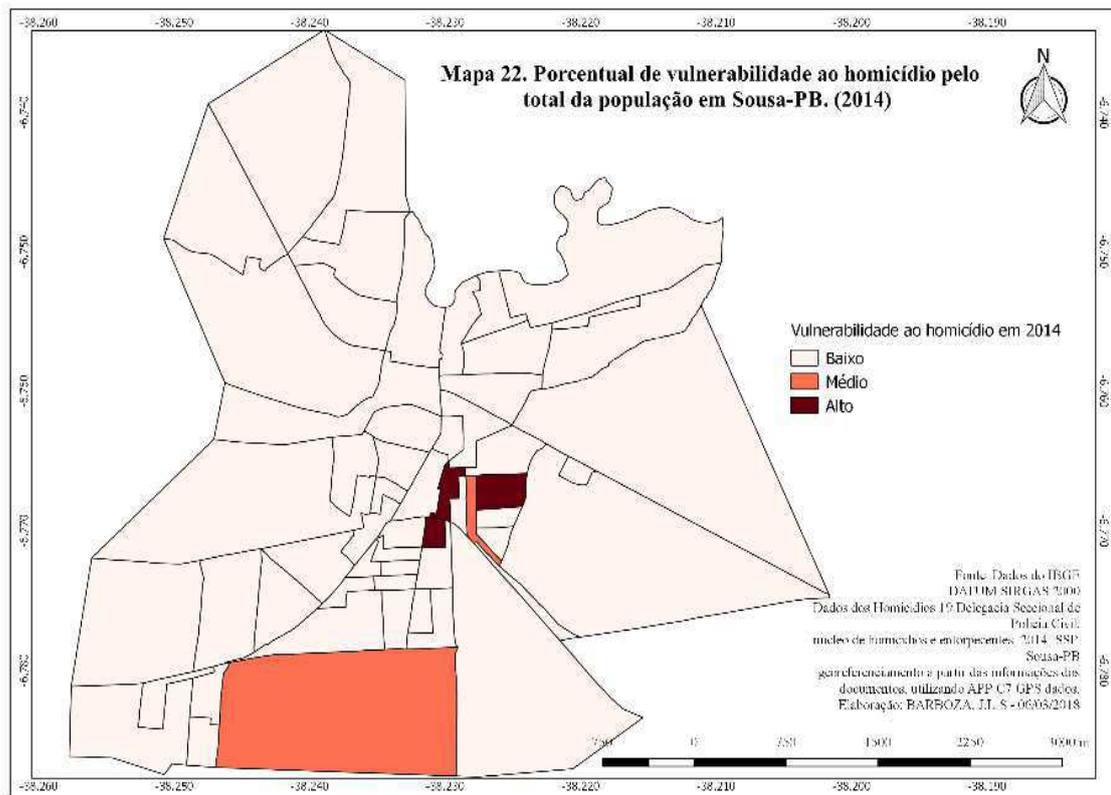
**Fonte:** SIRGAS, 2000. **Elaboração:** Luiz Barboza (2018).

Outrossim, diante dessa variedade de mapas onde neles buscam mostrar os territórios de maior vulnerabilidade ao homicídio, tem-se uma problemática que beira a complexidade, nela a violência urbana e os homicídios, estes se apresentam no contexto social urbano da cidade de Sousa-PB. Contudo, no intuito de se chegar aos resultados da pesquisa direcionou-se trabalhar com mais ênfase nos dados dos homicídios, indicadores e variáveis. Estes transformados também em mapas.

Portanto, na perspectiva da construção desses mapas conclusivos, criou-se uma tabela no ambiente do programa QGIS 2.14 (geoprocessamento), para por fim fazer as análises finais com o total de população. Diante disso elaborou-se o seguinte cálculo:

$([TH_{2014N}] * 100) / [POP]$ .  $X_{H014\_POP}$ ;  $X_{H015\_POP}$ ; e  $X_{H016\_POP}$  (homicídios/população).

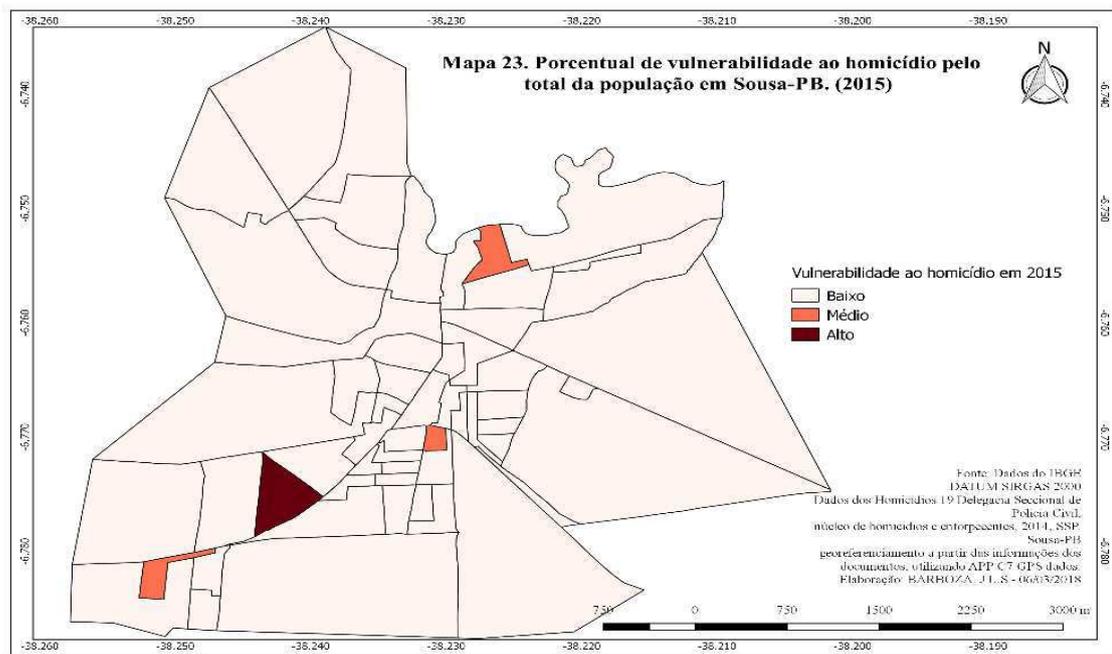
Essas fórmulas foram os procedimentos utilizados para se chegar aos resultados, assim de posse de dados (indicadores e variáveis), e com estas fórmulas construídas no ambiente do QGIS 2.14 (geoprocessamento) elaborou-se o percentual de vulnerabilidade ao homicídio pelo total da população, assim observado no **Mapa 22**.



**Fonte:** SIRGAS, 2000. **Elaboração:** Luiz Barboza (2018).

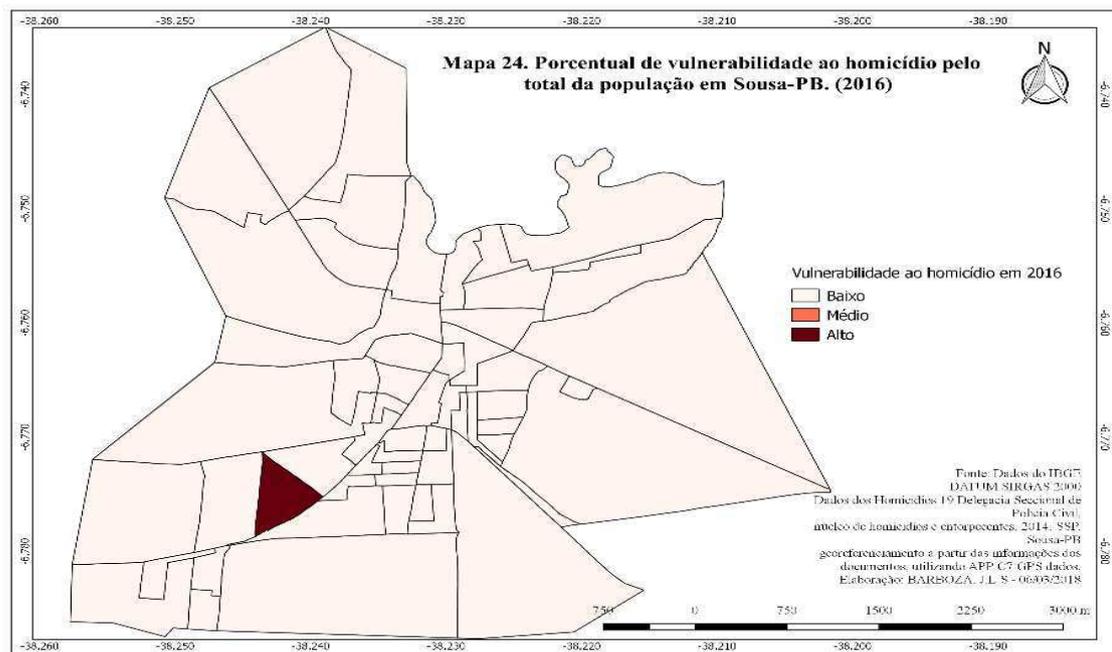
Nessa representação cartográfica é bem claro para o ano de 2014 quais foram os setores censitários, que com base nesse percentual, e de acordo com análise feita, representa a maior vulnerabilidade ao homicídio.

Nesse ponto de vista, analisa-se o (**Mapa 23**), e nele ver-se o percentual de vulnerabilidade ao homicídio pelo total da população para o ano de 2015. Diferentemente do que foi visto anteriormente, ele expõe outros setores censitários que se encontram dispersos da centralidade da representação.



Fonte: SIRGAS, 2000. Elaboração: Luiz Barboza (2018).

Para o último ano da série, o ano de 2016, é possível observar a existência de um setor censitário que aparece anteriormente na outra representação (Vide **Mapa 23**). Diante disso, observa-se que o mesmo pode ser vulnerável ao homicídio para os dois anos da série, acendendo um possível alerta.



Fonte: SIRGAS, 2000. Elaboração: Luiz Barboza (2018).

Assim, diante dos mapas expostos a partir desses indicadores e variáveis apresentados, indica-se que a pesquisa geográfica aqui elaborada – a partir dos territórios vulneráveis a homicídios –, por fim concluída, poderá ser uma fonte de domínio público. Imagina-se que ela fomente outras pesquisas, assim como planejamentos e ações no enfrentamento da violência urbana e homicídios. A esses territórios espera-se maior atenção por parte da gestão pública e organismos de segurança. Dessa forma, o conhecimento que se adquiriu desses territórios vulneráveis a homicídios, é seguramente de interesse da gestão pública e de todos os cidadãos de Sousa-PB.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos desse trabalho foram alcançados, pois neles, através da pesquisa geográfica pôde-se conhecer os territórios intraurbanos (setores censitários) de Sousa-PB, estes com certa profundidade. Contudo, ressaltando que a pesquisa foi pautada em uma análise/investigação que teve como foco principal apontar/compreender os territórios vulneráveis a homicídios na cidade de Sousa-PB entre os anos de 2014 a 2016. Assim, constatou-se que estes existem, e não só existem, como também podem ser observados através de representações cartográficas (mapas).

Vale ressaltar que as condições sociais nas características das vítimas de homicídios possuem um perfil peculiar de pessoas que devem ter uma maior atenção das políticas públicas voltadas para cidadania e desenvolvimento social. A evolução dos crimes de homicídios aponta para uma problemática que deve ser acompanhada, refletida e discutida no âmbito político.

Nessa perspectiva, a ciência geográfica mostrou-se bastante importante para a compreensão/explicação da problemática, assim como desses conflitos sociais (homicídios). No desenvolvimento e reflexão, observou-se que as desigualdades sociais visíveis nas paisagens da cidade de Sousa-PB podem ser um incremento para o desencadeamento de riscos e aspectos vulneráveis ao homicídio.

Todavia, nos resultados da pesquisa obteve-se a visualização de quais são os territórios com maior vulnerabilidade ao crime de homicídio – a partir dos indicadores e variáveis desenvolvidas e analisadas na pesquisa geográfica –, reforçando que todas estas se fizeram de acordo com as condições sociais de cada setor censitário.

Portanto, concluiu-se que na ciência nada pode ser considerado completamente acabado, definido e definitivo, tudo é possível aperfeiçoar/remodelar, assim como melhorar. Uma temática tão complexa como a violência urbana não é diferente. Nela, por mais que se busque explicações científicas plausíveis, estará sempre incorrendo em mais questionamentos. O desejo de inspirar novas caminhos talvez seja o começo. Logo, uma pesquisa pode ser o início de tantas outras que estão por vir.

## REFERÊNCIAS

**19ª Delegacia Seccional de Polícia Civil – Sousa-PB.** Núcleo de Homicídios e Entorpecentes. Secretária de Segurança Pública – SSP/PB.

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas.** UNESCO, BID. Brasília, 2002.

ANDRADE, Leonardo; BRAGA FILHO, Hélio. **A interiorização da violência social: uma análise do interior paulista.** DRd – Desenvolvimento Regional em debate. Revista eletrônica do programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado: Santa Catarina, 2016.

ATLAS PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO. **RADAR IDHM.** Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/radar-idhm/>> Acesso em: 05/01/2018.

BEATO FILHO, Cláudio c. **Políticas Públicas de Segurança e a Questão Policial.** Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88391999000400003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000400003)> Acesso em: 07/01/2018.

CANÇADO, Taynara Cândida L; et al. **Trabalhando o conceito de Vulnerabilidade Social.** XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. São Paulo, 2014.

CARLOS, Ana Fani a. **A cidade.** 6.ed. São Paulo: contexto, 2001.

CARNEIRO, Ricardo; MENICUCCI, Telma M. Gonçalves. **Gestão pública no século XXI: as reformas pendentes.** In: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. A saúde no Brasil em 2030 - prospecção estratégica do sistema de saúde brasileiro: desenvolvimento, Estado e políticas de saúde: Rio de Janeiro, 2013.

CLAVAL, Paul. **O território na transição da Pós-modernidade.** Universidade de Paris-Sorbonne. Revista: GEOgraphia. Ano 1. Nº2, 1999.

DA ROCHA, Simone Rocha. **Possibilidades e limites no enfrentamento da vulnerabilidade social juvenil: a experiência do programa agente jovem em porto alegre.** Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Serviço Social, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

DA SILVA, Carla Holanda. **Território: uma combinação de enfoques – material, simbólico e espaço de ação social.** Revista Geografar. Curitiba, v.4, n.1, p. 98-115, 2009.

FERNANDES, B. Mançano. **Construindo um estilo de pensamento na questão agrária: o debate paradigmático e o conhecimento geográfico.** Tese (livre-docência) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; et al. **Dicionário Ilustrado.** Curitiba. Positivo, 2008.

FRANCISCO FILHO, Lauro Luiz. **Distribuição Espacial da Violência em Campinas: uma análise por geoprocessamento.** Tese (doutorado) – UFRJ/ Instituto de Geociências/

Departamento de Geografia/ Programa de Pós-graduação em Geografia, UFRJ/IG: Rio de Janeiro, 2003.

GOMES, Mônica Araújo; PEREIRA, Maria Lúcia Duarte. **Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas.** Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141381232005000200013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232005000200013&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em 08/01/2018.

GOVERNO DA PARAÍBA/POLÍCIA CIVIL. **Paraíba Unida pela Paz.** Disponível em: <<http://www.policiacivil.pb.gov.br/paraiba-unida-pela-paz/>> Acesso em: 25/01/2018.

GOVERNO DE PERNAMBUCO/SECRETÁRIA DE PLANEJAMENTO E GESTÃO. **Pacto pela vida.** Disponível em: <<http://www.seplag.pe.gov.br/web/ppv/pacto-pela-vida>> Acesso em 27/01/2018.

GOVERNO FEDERAL, Ministério do Planejamento e Gestão. **Atlas da violência, et al. IPEA** (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Brasília, 2016.

GOVERNO FEDERAL. ESTATUTO DO DESARMAMENTO. **Lei nº 10.826, de 22 de dezembro de 2003.**

IBGE BRASIL. Disponível em: <[https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/redes\\_fluxos/gestao\\_do\\_territorio\\_2014/base.shtm](https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/redes_fluxos/gestao_do_territorio_2014/base.shtm)> Acesso em: 09/02/2018.

IBGE BRASIL. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=sousa%20pb&searchphrase=all>> Acesso em: 05/02/2018.

IBGE CIDADES. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/sousa/panorama>> Acesso em: 01/02/2018.

IPEADATA. Glossário. **Valor adicionado.** Disponível em: <[www.ipeadata.gov.br/doc/contas%20nacionais-conceitos.doc](http://www.ipeadata.gov.br/doc/contas%20nacionais-conceitos.doc)> Acesso em: 29/01/2018.

MACEDO, Adriana C., et al. **Violência e desigualdade social: mortalidade por homicídios e condições de vida em Salvador, Brasil.** Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102001000600004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102001000600004)> Acesso em: 16/01/2018.

MARQUES, Teresa Sá; et al. **Crise e vulnerabilidade social: uma leitura territorial.** VII Jornadas de Geografía Económica Los escenarios económicos en transformación. La realidad territorial tras la crisis económica USC-AGE. Porto Alegre, 2014.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: Pequena História Crítica.** 21ª ed. São Paulo: Annablume, 2007.

MORAIS, Regis. **O que é violência urbana.** 1ª ed. Brasiliense: São Paulo, 1981.

OCTÁVIO, José. **História da Paraíba: Luta e Resistência.** Conselho Estadual de Cultura. 1º ed. A União: João Pessoa, 1994.

ONU/BR - NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **Mortes para cada 100 mil habitantes.** Disponível em: <[https://nacoesunidas.org/?post\\_type=post&s=10+mortes+para+cada+100+mil+habitantes%09](https://nacoesunidas.org/?post_type=post&s=10+mortes+para+cada+100+mil+habitantes%09)> Acesso em: 15/02/2018.

PALHARES, M. F. Soares; SCHWARTZ, Gisele Maria. “**Não é só a torcida organizada**”. **O que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol?**. 1ª. ed. Unesp: São Paulo 2015.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SACK, Robert David. **Territorialidade Humana: sua teoria e história.** Cambridge University Press, Cambridge, 1986.

SANTOS JUNIOR, E. Honório dos. **Aspectos teóricos da violência estrutural urbana.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

\_\_\_\_\_, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SAQUET, Marcos Aurélio, SPÓSITO, Eliseu Savério (org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** 1ª ed. São Paulo: Expressão, 2009.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território.** 3. ed. São Paulo. Outras Expressões, 2013.

\_\_\_\_\_, Marcos Aurélio. **As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade.** Geosul, Florianópolis, v. 22, n. 43, p. 55-76. 2007.

SILVA, C. H. da. **Território: uma combinação de enfoques – material, simbólico e espaço de uma ação social.** In: Revista Geografar. Curitiba, v.4, n.1, p.98-115, jan./jun. 2009.

SILVA, Maria do R. de Fátima e; CARVALHO, V. Adeldio de. **Gestão de políticas de segurança pública como instrumento para enfrentamento da violência e da criminalidade.** IV Jornada de Políticas Públicas – Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas: Maranhão, 2008.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do Desenvolvimento urbano.** 2ª ed. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_, Marcelo Lopes de. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento.** In: Castro, Iná Elias de; Gomes, Paulo César da C.; Corrêa; Roberto Lobato. Geografia Conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SUDBRACK, Aline Winter. As vítimas do ódio: violência, estado e vulnerabilidade social no Brasil. ALMEIDA, Maria da Graça Blaya, Org. **In: A violência na sociedade contemporânea**. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2010.

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO – SAGRES ONLINE. **Sistema de Acompanhamento da Gestão dos Recursos da Sociedade/SAGRES – TCE/PB**. Disponível em: <<https://sagres.tce.pb.gov.br>> Acesso em: 25/02/2018.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2016: Homicídios por armas de fogo no Brasil**. Flacso, Brasil: Rio de Janeiro, 2016.